

NOVA SÉRIE

REVISTA DA MAIA 2020

Revista Cultural da Câmara Municipal da Maia

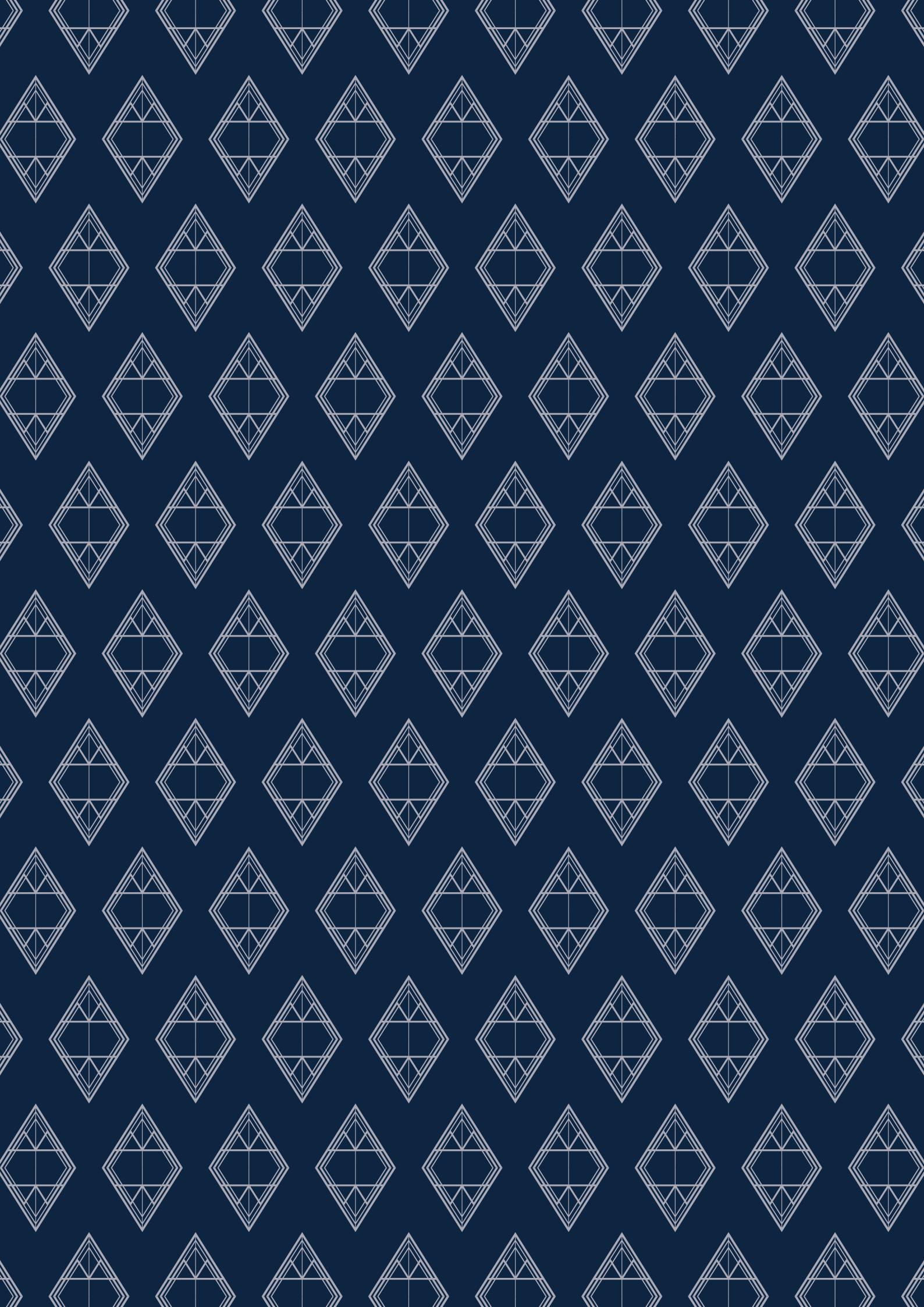
ANO V NÚMERO ESPECIAL

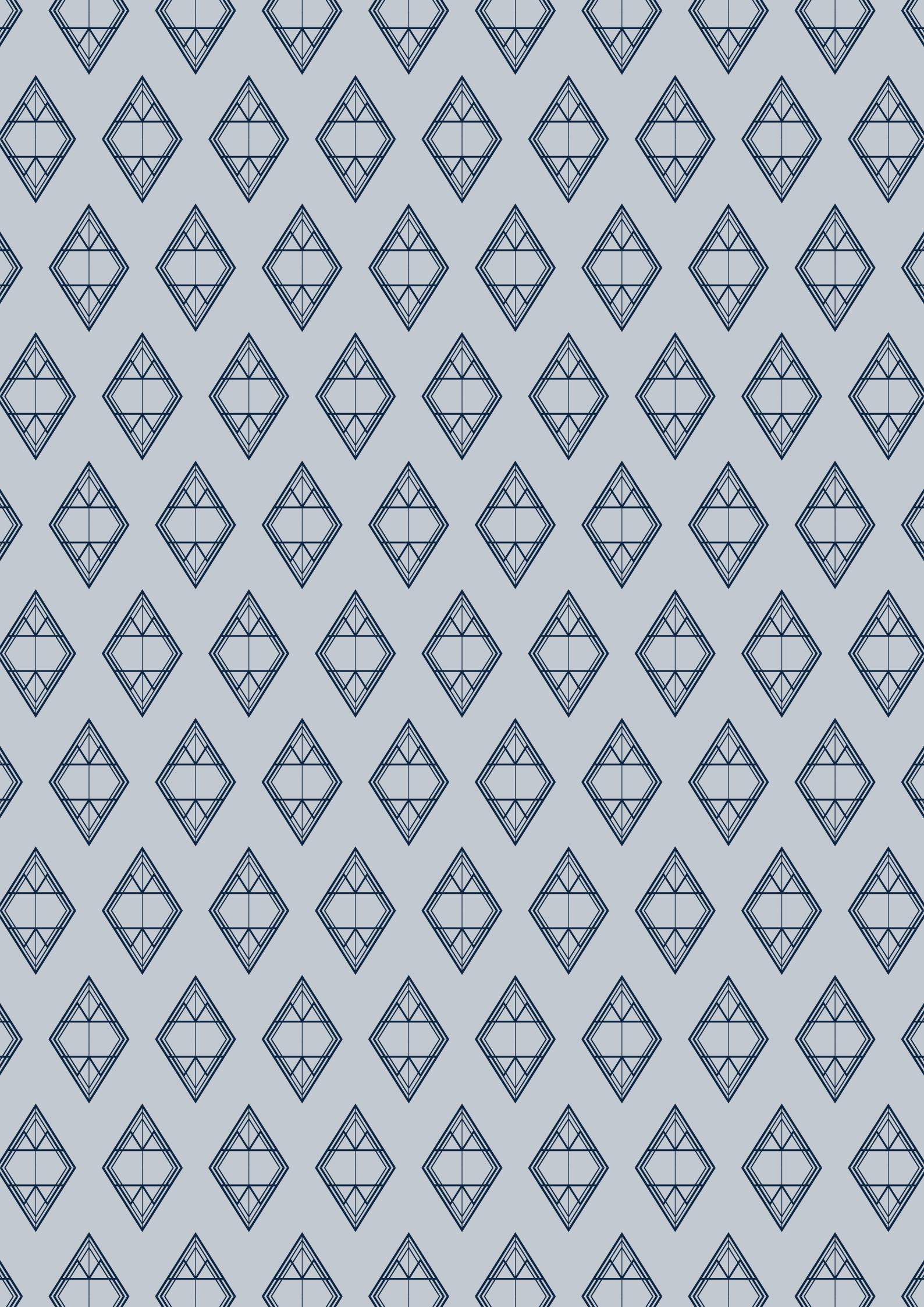
DIRETOR: MÁRIO NUNO NEVES

MAIA CULTURA

Índice

5	
Textos Introdutórios	
12	
O Foral da Maia Viaja	
	Exposição Itinerante
16	
O Foral da Maia contado às Crianças	
	Lançamento do Livro
24	
500 Anos do Foral da Maia	
	Exposição
28	
Inauguração	
34	
Serviço Educativo	
38	
14 e 15 dezembro 2019	
	Celebração do Foral
40	
500 Anos do Foral do	
Concelho e Terra da Maia	
	- Os Forais Manuelinos
	Termo do Porto -
	Francisco Ribeiro da Silva
62	
Lançamento do livro	
	“500 Anos do Foral da Maia”
68	
Concerto de Gala	
74	
Sessão Solene	
78	
À Volta do Foral	
104	
Curiosidades	
115	
Ficha Técnica	





Estamos a completar o segundo dos três anos dedicados à comemoração dos **500 ANOS DO FORAL DA MAIA**, período do qual esta publicação apresenta uma síntese das principais realizações levadas a cabo.

Na verdade, ao longo destes meses foram muitas e diversificadas as realizações que celebraram esta efeméride invulgar que assinala meio milénio de existência de um documento ao qual reconhecemos hoje, para além da sua importância histórica, um especial significado simbólico que se integra no quadro de valores históricos e culturais que consubstanciam a identidade da terra da Maia.

O vasto programa definido para estas comemorações, sempre foi por mim entendido como uma série de eventos potencialmente agregadores, quer pelo simbolismo coletivo que aportam, como pela elevada qualidade cultural, social e cívica de cada acontecimento agendado.

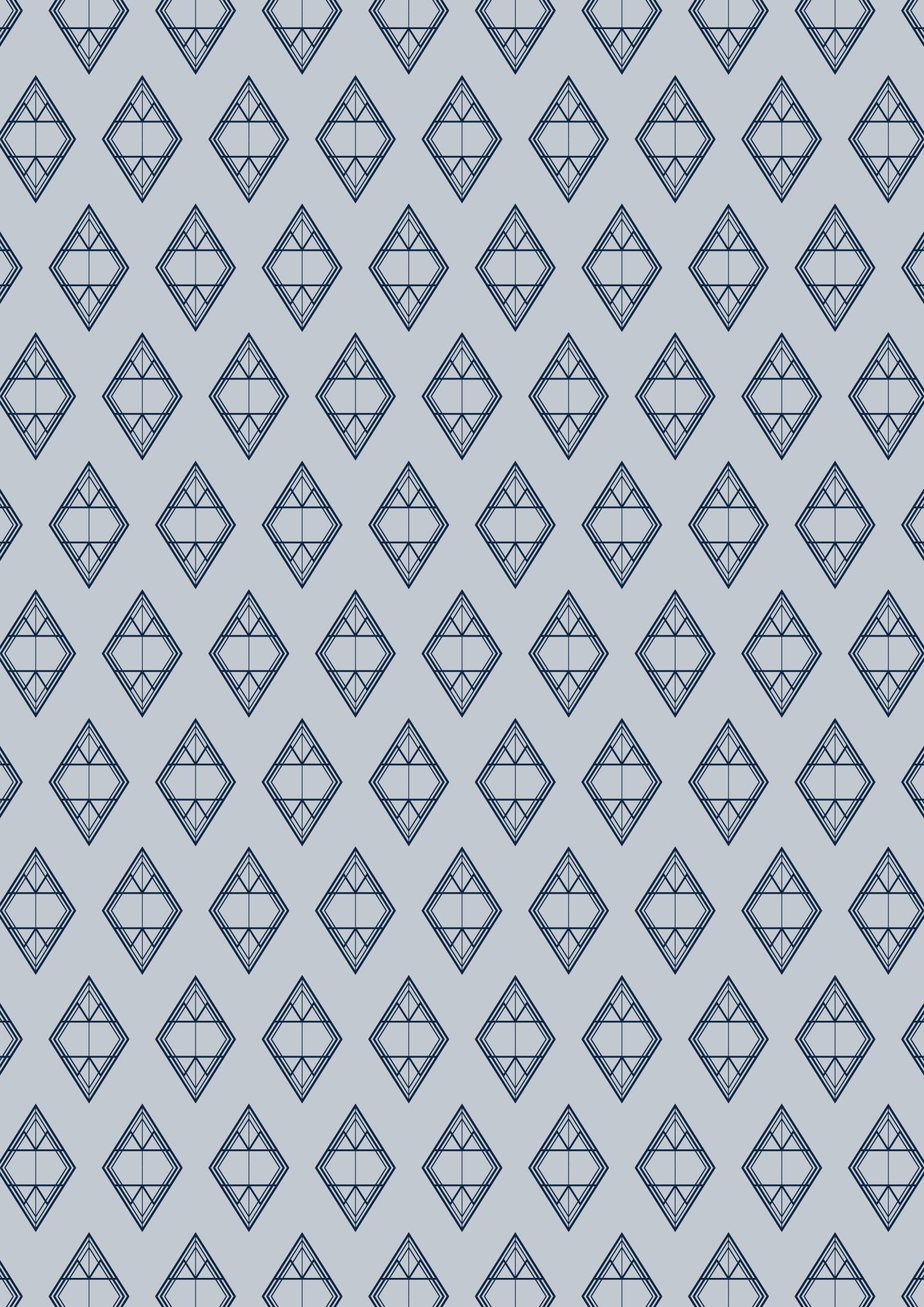
As minhas expectativas foram, neste primeiro ano das comemorações, inteiramente superadas, não só pelo nível de envolvimento com que a equipa municipal incumbida de executar o programa se entregou entusiasticamente a essa missão, mas também pela adesão e participação efetiva da comunidade concelhia, que assinalou significativa presença nos diversos atos, atividades e realizações já concretizadas. Destaco particularmente a participação da nossa comunidade escolar, que aderiu com grande interesse e curiosidade às exposições e acolheu com natural agrado ao livro que lhes conta, o que, na sua idade, importa saber sobre o **FORAL DA MAIA**.

Como era minha convicção inicial, todos os momentos de celebração que vivenciamos neste primeiro ano do triénio das comemorações contribuíram para reforçar os sentimentos de pertença identitária e a coesão social da nossa comunidade concelhia, caminho que, estou certo, vamos continuar a consolidar nestes próximos dois anos de realizações que temos ainda para concretizar até ao seu encerramento oficial.

Quero aqui expressar uma palavra, pessoal e institucional, de gratidão ao Arquiteto Álvaro Siza Vieira pela conceção do belíssimo objeto estético com que assinalamos os cinco séculos do **FORAL DA MAIA**, palavra que estendo ao autor do livro “**FORAL DA MAIA**”, José Maia Marques que também assina a autoria do livro “**O Foral contado às crianças**” e à ilustradora Angelina Mar que tão brilhantemente deu corpo às personagens. Do mesmo modo, quero sublinhar a generosa doação ao Município, das obras sinfónicas “1519”, “**MAIA RURÁLIA**”, **MAIA URBANITAS 2019**” e “**OUSAMOS SONHAR**”, por parte do compositor maiato Victor Sampaio Dias, que fez questão de me confiar pessoalmente os originais dessas partituras, assim como os direitos de execução pública de todas elas.

Finalmente, mas não menos relevante, endereço nas pessoas do Vereador do Pelouro da cultura, Doutor Mário Nuno Neves e da Chefe de Divisão da Cultura, Dr.^a Sofia Barreiros, a expressão do meu reconhecimento público pela imensa dedicação e denodo com que toda a equipa municipal que participa na execução do ambicioso programa destas comemorações tem demonstrado.

*O Presidente da Câmara Municipal da Maia,
António Silva Tiago*



Este é um número para memória futura. Esta expressão, usada amiúde nos últimos tempos, tem aqui plena razão de ser.

Estamos a lidar com memórias, celebramos uma efeméride relacionada com essas memórias, e aqui damos conta dessas celebrações, para que no futuro se saiba o alcance e a importância do que foi feito.

E estamos aqui a falar de um amplo programa de iniciativas, transversal, inclusivo e identitário.

Fizeram-se palestras, exposições, publicações, visitas a escolas, sempre com a intenção de levar ao grande público o tema do Foral Manuelino da Maia, procurando enquadrá-lo no seu tempo e no espaço geográfico da Terra da Maia.

Quisemos mostrar como era a Maia dos finais do século XV e, sobretudo, como viviam os maiatos desses tempos recuados.

Procuramos fazer com que os maiatos, por nascimento ou por adoção, se sentissem ainda maia maiatos, conhecendo agora melhor uma parte do seu passado.

Quisemos por isso utilizar linguagem atual, comprehensível, isto sem perder de vista o rigor científico e sem deixar de fazer investigação.

Preocupamo-nos com os mais pequenos. Eles, os mais jovens cidadãos da Maia, terão à sua disposição ferramentas para conhecer melhor o passado da sua Terra e, por isso, poderão, no futuro, ser melhores, mais informados e mais participativos cidadãos.

Preocupamo-nos com os investigadores e curiosos da História da Maia, deixando-lhes também material de estudo para no futuro, quem sabe, se produzirem interessantes trabalhos sobre a nossa Terra.

Sempre na perspetiva de uma Maia melhor.

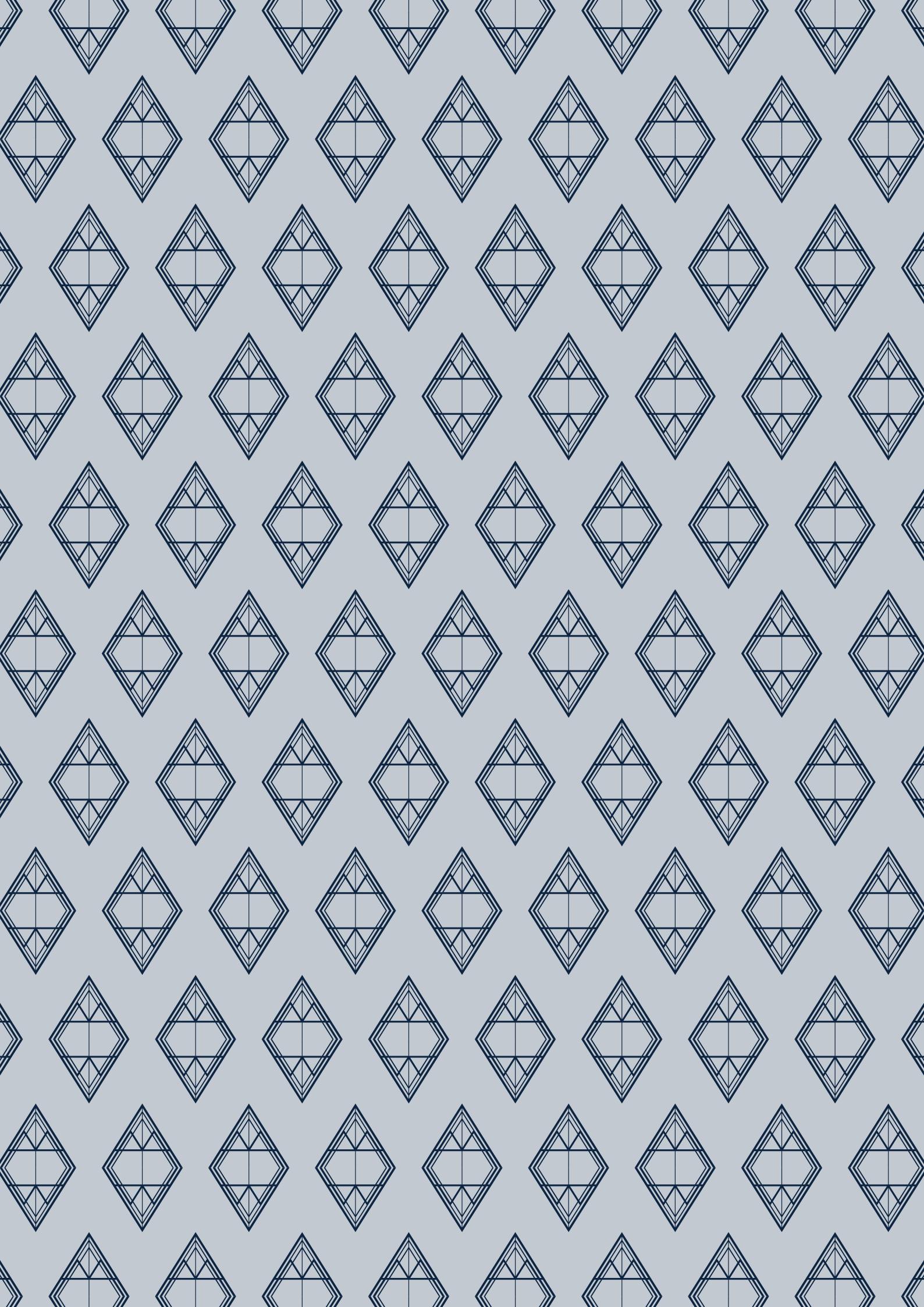
Fazemos neste número especial da Revista da Maia um elenco das atividades relacionadas com os 500 anos do Foral da Maia.

A Câmara Municipal da Maia elegeu como seu desígnio, nos anos de 2019, 2020 e 2021, celebrar o quinto centenário do Foral.

Este número dá-nos uma ideia do que foi realizado, mas o balanço final será feito, como sempre, pelo público. E dele será o veredicto final.

Boa leitura.

*O Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Maia,
Diretor da Revista da Maia,
Mário Nuno Neves*



Este número da Revista da Maia, dedicado à outorga do Foral da Maia por D. Manuel I, ocorrida a 15 de dezembro de 1519, visa servir como um testemunho minucioso e orientador das comemorações dos 500 anos da concessão do Foral manuelino.

Atendendo à relevância histórica da ocasião, ao facto de estarmos perante a celebração de um importantíssimo documento não só da génese da modelação territorial maiata, mas também da construção identitária da sua população, o facto de termos optado por uma celebração a três anos não foi, de todo, irrefletido.

Celebrações como esta servem de elementos atributivos de importância, reconhecem e gratificam os feitos passados e contribuem para a produção de conteúdos culturais significativos de relevância futura. Acreditamos que não celebrar condignamente seria comprometer resultados futuros.

Os conceitos que aqui serviram de base são inevitavelmente a História e a Cultura, as nossas, de todos nós, que procuramos legar, tanto de forma artística como científica, para que todos possamos ter noção da real importância do nosso passado cultural enquanto fator de inigualável importância na construção do nosso futuro.

Assim, ao longo de três anos, a Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Maia procurou apresentar uma programação cultural enriquecida por factos, valores e referências alusivas à efeméride.

Em toda a programação, e em especial na Exposição “500 anos do Foral da Maia”, patente no Museu de História e Etnologia da Terra da Maia, de 28 de setembro de 2019 até 31 de dezembro de 2021, procurámos proporcionar elementos histórico-culturais destinados à aprendizagem e entendimento dos ideais comunitários maiatos.

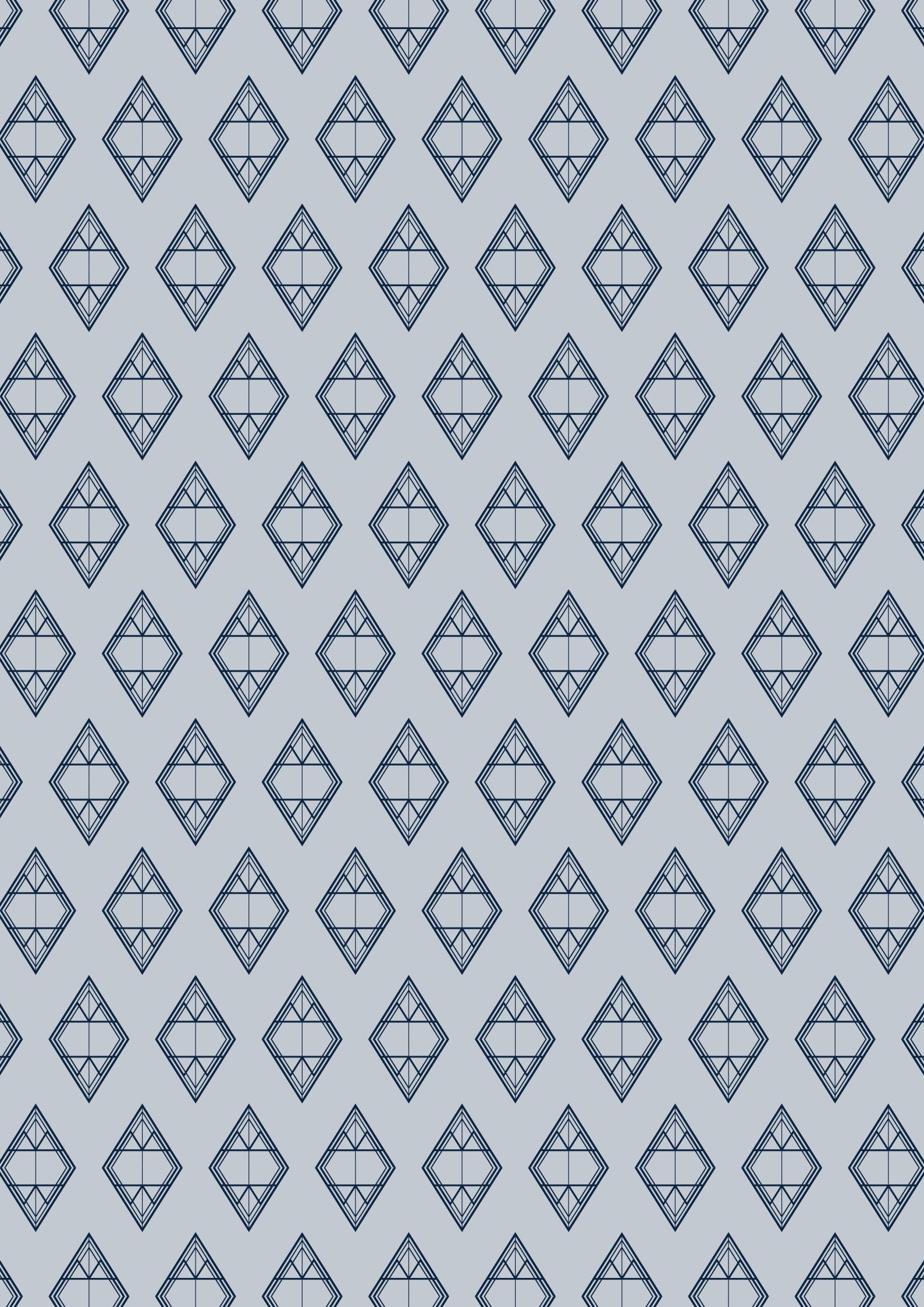
Alusivas ao Foral, seguiram-se exposições, tertúlias, eventos nas redes sociais, colóquios, assim como produções em áreas de expressão cultural literária, teatral e musical, foram ainda concebidos artigos de merchandising como um selo temático e um espumante, edições limitadas comemorativas disponibilizadas a todos os que connosco participaram.

Saliento que nada disto teria sido possível sem a visão empreendedora do Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal da Maia, o Eng.^º António da Silva Tiago, nem sem a firme coordenação do Doutor Mário Nuno Neves, Vereador do Pelouro da Cultura. Um especial agradecimento dedicado à Divisão de Cultura que dirijo, às pessoas que a constituem, que de forma meticulosa atenderam a todos os subtis detalhes que contribuíram para o enriquecimento de toda a celebração.

Termino deixando uma palavra de gratidão à nossa comunidade, a todos os que nos visitam e continuam, no dia a dia, a demonstrar a sua confiança nesta instituição.

A todos vós, o meu muito obrigada.

*A Chefe da Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Maia,
Sofia Barreiros*



DESTAQUE DOS EDITORES

Este número especial da Revista da Maia – Nova série é um número monográfico, dedicado às comemorações dos 500 anos do Foral da Maia.

Evocar condignamente esta efeméride, de grande importância histórica, mas também um marco na identidade do município, foi desde início considerado pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal, Eng.º António Silva Tiago, e pelo Sr. Vereador do Pelouro da Cultura, Doutor Mário Nuno Neves, como um desígnio prioritário da Autarquia, já que se constituía como elemento transversal à sociedade, agregador, inclusivo, identitário, e tendo como público-alvo os maiatos e todos aqueles que nos visitam.

Foi notória a consciência de que não poderia realizar-se apenas algo de efémero, rápido e passageiro, mas que era fundamental deixar às gerações vindouras as referências históricas e territoriais, e fornecer às atuais gerações elementos de trabalho, de estudo, de conhecimento e também, porque não, de diversão. E ninguém poderia ficar esquecido.

Por isso se decidiu pensar um vasto conjunto de realizações, num leque muito abrangente, estendendo-se pelos anos de 2019, 2020 e 2021. E este é o destaque dos editores. Normalmente assistimos, nas outras autarquias, a uma sessão solene, a atribuição de distinções, a uma exposição mais ou menos curta, eventualmente à edição de um livro, tudo isto decorrendo num fim de semana prolongado... e pronto!

Nós também tivemos tudo isso. Mas fizemos muitíssimo mais. Concebemos e montamos uma exposição itinerante, simples e pedagógica que, salvo no período de confinamento, tem percorrido o concelho. E nós vamos às instituições que solicitam a nossa presença, fazemos uma apresentação e esclarecemos o público presente, maioritariamente escolar.

Editamos um livro para crianças, eternas esquecidas nestas coisas da História. Foi um sucesso. E temos ido, uma vez mais, visitar escolas, contactar com professores e alunos e responder às suas questões. Preparamos uma exposição de dimensão significativa, ocupando a parte de cima do Museu Municipal, onde se procura mostrar o aparecimento dos forais, a sua evolução, o quotidiano da Maia e do país durante o período manuelino, e se faz um percurso pedagógico sobre o Foral da Maia. Estará patente até final de 2021. Lançamos um livro onde, de modo científico, mas acessível e didático, se explora o manancial de informação que é o Foral da Maia, publicando-se várias versões do documento e, cremos nós de forma inédita, as inquirições feitas para preparação do Foral. Colaboramos com várias Instituições do concelho para pôr de pé diversas iniciativas, como um Jantar Manuelino (Real Confraria Gastronómica das Cebolas) ou um Seminário Anual sobre o Foral da Maia (Instituto Cultural da Maia – Universidade Sénior), que é simultaneamente presencial e via Zoom. Isto para citar apenas duas realizações.

E não dizemos mais. Pedimos apenas que vejam com atenção este número e meditem numa realidade bem diferente do que é habitual – não são três dias de realizações, são três anos. Este é o destaque que escolhemos, porque prova que estas comemorações não se fazem porque sim, mas porque constituíram um verdadeiro desígnio municipal.

*O Editor,
José Maia Marques*

*O Editor Adjunto,
Rui Teles de Menezes*

O Foral da Maia viaja

EXPOSIÇÃO ITINERANTE

A primeira ação mais relevante no contexto das comemorações dos 500 anos do Foral da Maia foi sem dúvida a inauguração, em 5 de abril de 2019, da exposição itinerante “O Foral da Maia viaja”, que teve lugar na Biblioteca Municipal.

Perante numerosa assistência, usaram da palavra o Sr. Vereador da Cultura, Doutor Mário Nuno Neves, e o Sr. Presidente da Câmara Municipal da Maia, Eng.º Silva Tiago, ressaltando ambos a importância deste tipo de exposição e do objetivo que se pretende atingir – levar o Foral a todo o Concelho, fazendo deste documento, e do seu estudo, uma questão transversal e identitária, já que podemos considerar o Foral como um dos elementos documentais fundadores da realidade municipal.



Esta exposição é constituída por cinco prismas quadrangulares, autossustentáveis, de fácil transporte e montagem, que se pretende venham a itinerar pelo concelho, sobretudo em Escolas e Juntas de Freguesia.

Procurou-se utilizar uma linguagem acessível mas rigorosa, sintética mas esclarecedora, complementada com muitas imagens, tornando a exposição bastante atrativa.

Nestes painéis abordam-se várias questões relacionadas com os Forais, nomeadamente com a definição e caracterização destes documentos, a sua ligação aos municípios através do seu conteúdo e a sua relação com os pelourinhos, os principais temas de que tratavam e a razão de o fazerem.

Os primeiros forais foram atribuídos, mesmo antes da nacionalidade, com o intuito de povoar, defender e cultivar as terras doadas e eram a base do

estabelecimento do município e, desse modo, o evento mais importante da história da vila ou da cidade. Datam sobretudo dos séculos XII a XVI, mas há os anteriores (alguns) e posteriores (poucos).

Depois, e perante o evoluir dos tempos, alude-se à necessidade de reformar estes documentos, nomeadamente por causa do desfasamento causado por muitas reformas (pesos, medidas, moeda...) levadas a cabo pelos vários monarcas, e que deixam os forais antigos longe da realidade moderna. Caberá a D. Manuel I essa enorme e importante reforma, tendo, entre 1499 e 1520, sido outorgados quase 600 forais novos.

Finalmente a Exposição alude ao Foral da Maia, traçando o seu percurso, as vicissitudes que sofreu e analisando o seu conteúdo.



Sendo que o Foral servia como um verdadeiro código de conduta, procurando minimizar os conflitos sociais, continha uma série de determinações para clarificar situações que pudesssem ser duvidosas e impunha um conjunto de regras (verdadeiras leis), impondo castigos para quem a elas desobedecesse.

Determinavam os foros, o período de recebimento, as ltuosas, as questões com os maninhos e com os animais abandonados e as penas para agressões e outros crimes antissociais.

No caso do Foral da Maia a mais importante determinação era sem dúvida a gratuitidade da apanha do sargaço, principal elemento utilizado para fertilizar a terra.

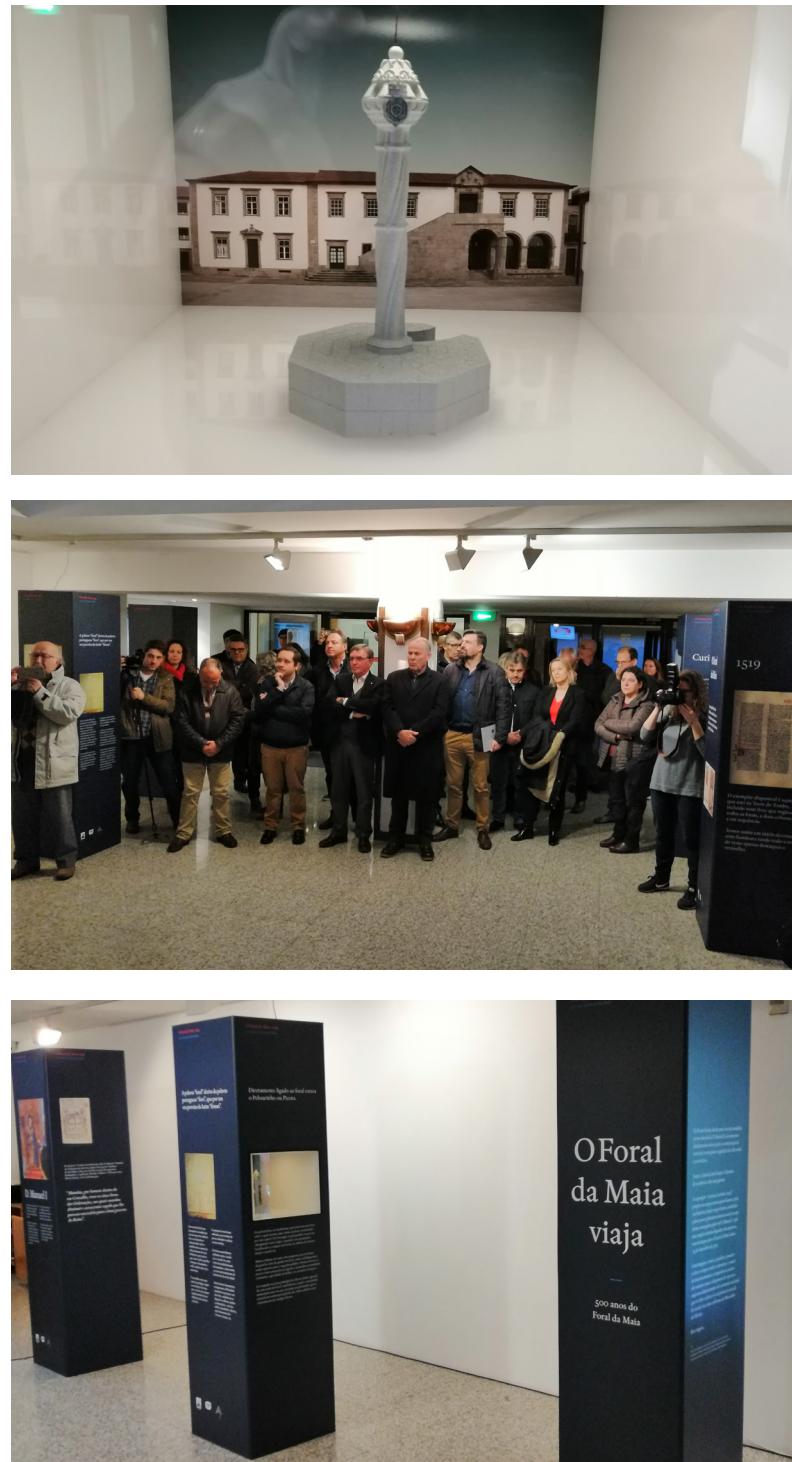
Com imagens, textos e quadros, procura-se fazer compreender a estrutura, o modo de funcionamento e a importância destes documentos para o despontar de um novo esquema administrativo do território nacional, que só viria a alterar-se na primeira metade do século XIX com a reforma de Mouzinho da Silveira.

No final da cerimónia de inauguração, o Dr. Maia Marques, da Câmara Municipal da Maia, conduziu uma visita guiada à Exposição.

Os técnicos superiores da CMM Drs. Maia Marques e Rui Menezes preparam uma apresentação para ser utilizada nos locais onde permaneça a Exposição, e sempre que as entidades assim o solicitem.



Embora interrompida durante o confinamento, esta exposição esteve em diversos locais do concelho, como as nossas juntas de freguesia, escolas e espaços comerciais, onde puderam e ainda podem, mais facilmente, ser vistas pela população maiata e também de fora do concelho. A saber, desde Abril de 2019, esta exposição esteve patente nos seguintes espaços:



Biblioteca Municipal da Maia

(5/4 a 27/4 2019)

Escola EB2/3 Levante

(30/4 a 24/5 2019)

Junta de Freguesia de Moreira

(28/5 a 21/6 2019)

Quinta dos Cónegos

(25/6 a 19/7 2019)

Junta de Freguesia de S. Pedro Fins

(20/8 a 13/9 2019)

**Jantar Manuelino na Escola EB2/3
do Câstelo da Maia**

(26/10 2019)

Escola Secundária de Águas Santas
(12/11 a 6/12 2019)**Junta de Freguesia de Folgosa**

(10/12 2019 a 3/1 2020)

Escola EB 2/3 Dr. Vieira Carvalho
(13/1 a 6/2 2020)**Escola EB1 de Mandim**
(10/2 a 5/3 2020)**Escola EB 2/3 de Gueifães**
(9/3 a 2/4 2020)**Tecmaia**

(17/6 a 14/7 2020)

Junta de Freguesia de Nogueira

(3/9 a 27/9 2020)

Centro Comercial Maia Jardim

(2/10 a 30/10 2020)

Junta de Freguesia de Vila Nova da Telha

(3/11 a 30/11 2020)

Shopping Mira Maia

(2/12 2020 a 3/1 2021)

O programa de itinerância para o ano de 2021 tentará contemplar mais locais, esperando chegar ainda a mais escolas do concelho, assim a situação pandémica que vivemos o permita.

De realçar, que associada a esta exposição itinerante, estará patente no Museu de História e Etnologia da Terra da Maia uma grande exposição sobre este tema dos 500 Anos do Foral da Maia de 28 de setembro de 2019 a 31 de dezembro de 2021.

De visita obrigatória para todos os maiatos.

**Ficha Técnica**

Organização Câmara Municipal da Maia - Pelouro da Cultura

Coordenação geral Mário Nuno Neves

Coordenação Executiva Sofia Barreiros

Comissão Científica e Produção de Conteúdos José Augusto Maia Marques e Rui Menezes

Consultadoria artística Cláudia Melo

Gestão da Itinerância Margarida Fonseca.

Agradecimentos Silvestre Lacerda, Diretor Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas; Anabela Ribeiro, Chefe de Divisão – DGLAB; Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Arquivos e Câmara Municipais de: Almada, Coimbra, Gondomar, Lisboa, Montemor-o-Novo, Murça, Porto, Sátão, São João da Pesqueira, Tarouca, Vale de Cambra e Vila do Conde.

O Foral da Maia contado às crianças

LANÇAMENTO DO LIVRO

No dia de 15 de julho de 2019, pelas 18 horas, teve lugar no auditório exterior da Feira do Livro da Maia o lançamento do livro “O Foral da Maia contado às crianças”, da autoria de José Augusto Maia Marques, com ilustrações de Angelina Mar.

Trata-se de um livro destinado a um público muito jovem (3º e 4º anos de escolaridade), que resultou de um desafio direto do Presidente da Câmara Municipal da Maia, Eng.º António Silva Tiago, ao autor, no contexto das comemorações dos 500 anos do Foral da Maia, e no sentido de levar os mais pequenos a interessarem-se pela história da sua Terra e, neste caso, ajudá-los a perceber melhor as características e a importância deste documento.

Da edição deste livro, da responsabilidade do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Maia e da AL-Publicações, será oferecido um exemplar a todos os alunos do terceiro e quarto anos da rede pública e privada do Concelho no arranque do novo ano letivo.

Estiveram presentes o Sr. Presidente da Câmara Municipal, Eng.º António Silva Tiago, o Sr. Presidente da Assembleia Municipal, Eng.º António Bragança Fernandes, o Sr. Vereador do Pelouro da Cultura, Dr. Mário Nuno Neves, vários autarcas, dirigentes e funcionários municipais e muitas pessoas interessadas na história da Maia.

Na cerimónia registaram-se as intervenções do Vereador do Pelouro da Cultura, da Ilustradora e do Autor, encerrando-se com uma saudação do Sr. Presidente da Câmara. Seguiu-se a tradicional sessão de autógrafos.



Em conversa com o autor, este confidenciou-nos que a tarefa, extremamente gratificante, não foi nada fácil.

Parti para a escrita com três princípios subjacentes: as crianças são críticas ferozes; os mais pequenos têm o seu sentido estético e literário, mesmo os que ainda não sabem ler e escrever; infantil não significa imbecil.

O tema era árduo para o escalão etário que se pretendia atingir. Um documento, papéis com letras esquisitas. Nada de aventuras nem de dramas, nem de situações cómicas.

Auscultei amigos, colegas, miúdos e miúdas da idade para a qual queria escrever, e percebi que tinha de responder a desafios, ao nível da leitura, postos pelos Professores, pelos Pais e pelos Alunos. O conteúdo teria, assim, de ser rigoroso, interessante e apelativo. Não era tarefa fácil.

Utilizei então como estratégias uma seleção criteriosa dos subtemas, um modo de contar agradável e adequado e uma ilustração agradável que correspondesse à ideia que o autor queria transmitir.

Quanto à seleção criteriosa privilegiei o peso identitário, a importância histórica e o interesse narrativo. No que toca ao modo de contar, escolhi fazê-lo sobretudo em discurso direto, recorrendo a duas gerações – um avô e uma neta – e utilizando linguagem normal e corrente. Já no que respeita à ilustração, ela teria de ser representativa do que eu queria transmitir, assim uma espécie de fotografia do episódio, teria também de ser chamativa, prendendo a atenção do leitor, numa simbiose perfeita com o texto, e deveria possuir uma estética interessante. E foi o que aconteceu, plenamente, com as ilustrações da Angelina Mar. Ela interpretou na perfeição os meus textos. Procuramos que as ilustrações ajudassem o leitor a compreender melhor as ideias do texto, materializando-as.

Para melhor aproveitamento do conteúdo, no final do livro colocamos um glossário, certamente útil para professores e alunos.

Feito um balanço final, creio que temos aqui um ótimo livro, uma útil ferramenta de trabalho, e uma peça fundamental para ajudar os mais novos a definir uma identidade maiata. Afinal, o objetivo principal do Sr. Presidente da Câmara quando me lançou este desafio.



Ficha Técnica

“O Foral da Maia contado às crianças”

José Augusto Maia Marques; il. Angelina Mar. - 1^a ed. - Braga: AL Publicações / Câmara Municipal da Maia, D.L. 2019. - [48] p.: il.; 22 cm. - ISBN 978-989-99488-6-0



Posteriormente, este livro foi distribuído em todas as escolas do concelho a todos os alunos do 3º e 4º ano de escolaridade. Em consequência, têm surgido inúmeros pedidos para nos deslocarmos às escolas para pequenas sessões com os alunos, apenas interrompidas pelo confinamento e pelo final do ano letivo. Entretanto, ao longo do ano letivo de 2019/20, deslocamo-nos a várias escolas EB do concelho como Mandim, Gueifães, Câstelo da Maia, Vieira de Carvalho (Moreira) e Ferreiró onde apresentamos este livro e a pequenada pode fazer as suas perguntas, tendo no final, direito ao livro autografado pelo autor.



E ao mesmo tempo que o livro começava a ser distribuído, no dia 25 de janeiro de 2020, teve lugar a cerimónia simbólica de atribuição do livro “O Foral da Maia contado às crianças” a todos os alunos das escolas da Maia do 1º ciclo, com a presença de uma turma da Escola EB 1 de Gueifães, evento este que teve lugar no Museu Municipal, no Castelo da Maia.

Na presença do presidente da Câmara Municipal da Maia, António da Silva Tiago e dos vereadores da Educação e da Cultura, Dra. Emília Santos e Dr. Mário Nuno Neves e do Diretor do Agrupamento de Escolas do Castelo da Maia, foi entregue a cada aluno um exemplar autografado pelo autor onde os mais novos poderão aprender como seria a Terra da Maia nesses tempos.



Ficam aqui as palavras do autor, Dr. Maia Marques, sobre como surgiu a ideia e os conteúdos da obra.

Deixem-me fazer isto ao contrário do costume. Em primeiro lugar falar das circunstâncias e só depois do livro.

Começarei assim por algumas menções de gratidão. O Sr. Presidente da Câmara, Eng.º Silva Tiago, lançou o desafio. Em ano de quinto centenário do Foral fazia todo o sentido contá-lo às crianças. Foi, portanto ele o autor do tiro de partida.

Não esqueço também o Eng.º Bragança Fernandes porque foi ele, há dez anos, que me meteu nestas andanças com a “Biblioteca Misteriosa do Tio Serafim”.

O Doutor Mário Nuno Neves, aqui muito mais o amigo do que o chefe, aceitou apresentar este livro. Foi para mim muito importante, mesmo sabendo que nesta vintena de anos de colaboração sempre nunca me regateou o seu apoio.

Depois, um triângulo virtuoso que formamos eu, o Miguel Azevedo e a Sofia Barreiros. Cada um à sua moda, esforçamo-nos ao máximo por este resultado.

Palavra especial para a Angelina Mar. Não é só a beleza das ilustrações. Não é só a sua qualidade. É a capacidade de, praticamente “à primeira”, entender perfeitamente a mensagem que se queria transmitir e plasmá-la nos desenhos. A vertente pedagógica, tal como queríamos esteve sempre presente no seu trabalho.

A cumplicidade do Rui Menezes foi fundamental, neste caso como em muitos outros. É bom saber que temos alguém que caminha ao nosso lado e que, quando não pudermos caminhar, esse alguém continuará o caminho.

Finalmente uma referência à minha mulher, leitora atenta e crítica. Ela esteve do princípio ao fim neste projeto, impossível sem essa presença

E vamos então ao Livro

Escrever para o público infantojuvenil foi a tarefa mais difícil que encontrei nesta vida de contar a História, sobretudo não sendo eu profissional (nem sequer amador) da escrita.

Afonso Lopes Vieira publicou em 1912 o livro Bartolomeu Marinheiro, com ilustrações de Raúl Lino e gravuras de Tomás Bordalo Pinheiro. Em 1913 Fernando Pessoa publica um texto muito crítico que intitulou “O Naufrágio de Bartolomeu”.

Logo pelo título percebemos a posição de Pessoa. A primeira frase lança a ideia base – Nenhum livro para crianças deve ser escrito para crianças. Nunca esqueci esta frase.

E também duas ou três coisas que ouvi à madrinha do meu irmão, professora primária nos tempos difíceis no Estado Novo.

Instalei então em mim um conjunto de ideias, tais como: as crianças são críticas ferozes; os miúdos têm o seu sentido estético e literário, mesmo os que ainda não sabem ler e escrever; e sobretudo infantil não significa imbecil.



Perante o desafio do meu Presidente, comecei a construir um edifício mental, uma espécie de estrutura de ideias, que deveria depois revestir com os panejamentos que formariam a tenda final onde as histórias habitariam.

Mas não vou aqui repetir-vos o que escrevi. Até porque se trata de um livro onde se conta uma história, com h minúsculo, em torno de um aspeto decisivo da nossa História, com H maiúsculo – o Foral da Maia.

Já agora permitam-me aproveitar o momento para desfazer uma enorme confusão que se instalou, até nas redes sociais, em que muita gente diz – a Maia faz 500 anos. Não é nada disso. É um enorme erro de comunicação. E muito mais ainda associar o Foral e os 500 anos à cidade da Maia. A cidade da Maia tem umas dezenas de anos. Antes disso era (e quanto a mim nunca devia ter deixado de ser) S. Miguel de Barreiros. Além disso o nosso Foral começa com a frase “Foral da Terra e Concelho da Maia”. Nada de cidade. O que faz quinhentos anos é o Foral. Ponto. A Maia é muito mais antiga. A primeira vez que se alude a esta realidade é numa inscrição romana, que esta exposta no nosso Museu. A Maia tem portanto pelo menos dois mil anos.

Regressando ao livro. Escolhi para personagens duas pessoas que me dizem muito, pessoas reais, através de um cruzamento impossível de gerações. De um lado o meu Avô Augusto, o sr. Moreira Dias como era conhecido na Maia. Um moreirense empreendedor. Com uma grande mercearia, um negócio de vinhos, a construção e exploração por vários anos da saudosa Estalagem do Lidor, onde aliás passei boa parte da minha infância. Um empreendedor a quem ainda antes do 25 de Abril o Dr. Vieira de Carvalho persuadiu a iniciar talvez a primeira urbanização moderna de qualidade, desenhada por um grande arquiteto da Escola do Porto, o Arq. Arménio Losa, onde curiosamente ainda hoje moram (moramos) todos os seus netos. Atrevo-me a dizer – um grande maiato.

Do outro lado a minha neta Flor, que não tendo propriamente a idade da personagem do livro, 8/9 anos, tem muitas das suas características, sobretudo o raciocínio rápido, a curiosidade em saber, o querer fazer, e – já – o gosto pelos livros.

Só que o meu Avô morreu no século XX e a minha Neta nasceu no século XXI. Daí o encontro impossível.

Mas, como poderão verificar, creio que não só este encontro simbólico como o produto final não resultaram nada mal.

Creio que não ficará desiludido nem o Sr. Presidente da Câmara, que lançou a ideia, nem os maiatos em geral, nem os professores, e, sobretudo, nem as crianças.

Penso que conseguimos, de modo descomprometido mas rigoroso e agradável, passar às gerações seguintes a ideia do que é um Foral e da importância que ele teve na construção da identidade da nossa Maia. Identidade que é preciso cada vez mais dar a conhecer e afirmar. Tarefa assumida por este executivo e por este Presidente.

Mas o veredicto final é o vosso, caros leitores, e esperamos ansiosamente por ele,
Muito Obrigado.



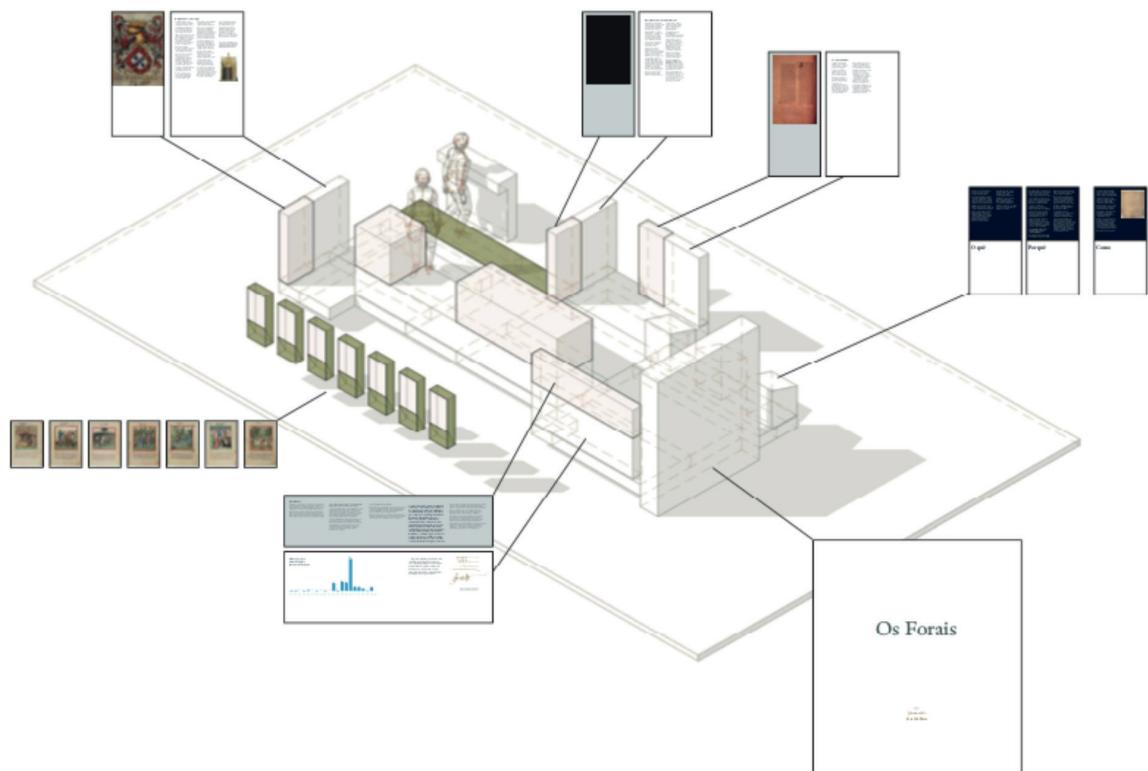
500 anos do Foral da Maia

EXPOSIÇÃO

Quando nos propusemos a elaborar uma exposição sobre os 500 anos da atribuição do Foral da Maia, naturalmente, algumas perguntas nos surgiram e às quais tentamos dar resposta. A forma de procurar explicar alguns conceitos mais antigos, que aos dias de hoje, já nos parecem tão arcaicos e remotos, revelou-se uma missão desafiadora. Do ponto de vista logístico e de concepção de conteúdos, para realizarmos esta “empreitada”, recorremos aos serviços da empresa Ideias Emergentes. E em boa hora o fizemos. Rapidamente, a arquiteta Susana Milão e a sua equipa conseguiram captar a essência do que pensávamos e queríamos transmitir. Fica aqui plasmado, todo esse processo, de como os trabalhos se desenrolaram até ao produto final, nas palavras das Ideias Emergentes.

Enquadramento

Foi realizado, de acordo com o plano apresentado, e apresentado o projeto expositivo e respectivo 3D com as aplicações de design gráfico. No seguimento da aprovação do estudo prévio, e ainda no decurso do mês de julho, foi feita a avaliação e dadas indicações para a adaptação e preparação do espaço expositivo tendo em vista o acolhimento da exposição (salas, paredes, iluminação, etc.) e previamente ao início da empreitada de obras programada para o Museu de Castelo da Maia.



Foram criados e projetados novos dispositivos expositivos tendo em vista a informação fornecida e sua interpretação. A proposta apresentada tem em conta os condicionantes do espaço e dos conteúdos e define um percurso expositivo associado às duas temáticas: os Forais e o Foral da Maia. Para além disso, procurou-se integrar na proposta alguns dos dispositivos existentes (vitrines e painéis) através da repintura (plintos e paredes amovíveis) e do revestimento/emolduramento com Placas em MDF pintados. Concluiu-se que as cúpulas em acrílico não seriam utilizadas uma vez que a dimensão não se adequa aos propósitos do projeto.

No seguimento da reunião de 6 de Agosto e com a aprovação da proposta/projeto e da receção de informação com elementos solicitados, e em falta, enviada pelo Dr. Rui Menezes e Dr. Maia Marques a 11 de Agosto, os Layouts/design gráfico do projeto expositivo foram revistos e realizado projeto de execução.

Foi enviada informação a 14 de Agosto com Guia Gráfico, a pedido do município, para a realização da comunicação e divulgação da exposição.

Visitamos o Museu do Castelo da Maia no dia 19 e 22 de Agosto para aferição das condições e estado da obra e da avaliação do impacto dos 9 painéis/paredes presentes no espaço do Museu e recentemente executados pelo município.

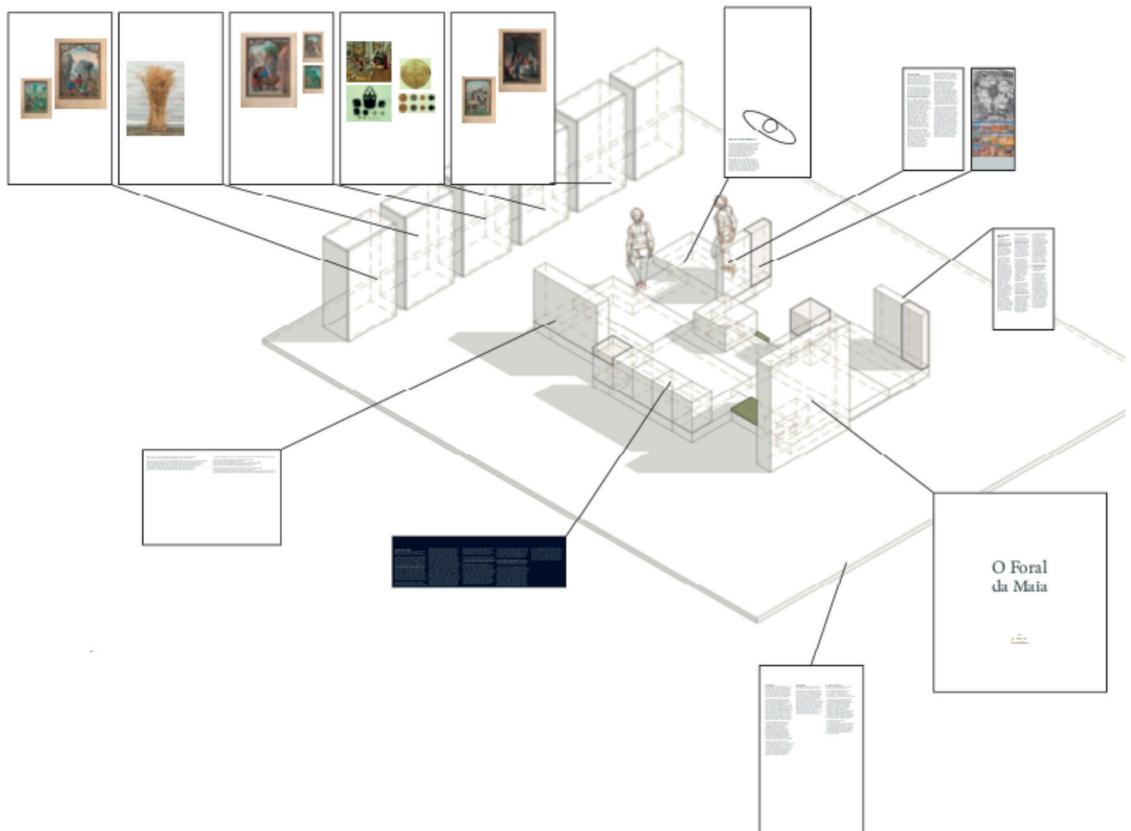
Foi realizada revisão ao projeto tendo em vista que estes painéis/paredes em frente aos vãos existentes são elementos perturbadores (altura: 2,80m e profundidade: 40cm), propondo a deslocação e agregação dos mesmos em cada uma das salas, a saber: - na sala dos Forais foi feita a colocação de 4 painéis (seguidos e em linha formando uma parede única) na parede do fundo onde constam imagens de forais; - sala do Foral da Maia foi feita a colocação de 4 painéis (seguidos e em linha formando uma parede única) para colocação das “Notas finais”(remate e conclusão do percurso expositivo).



Procedeu-se à avaliação dos artefactos a expor (arca, medidas, pesos) e foram enviadas imagens de outros elementos (trajes do Museu da Póvoa de Varzim, maquete Torre de Menagem, Caravelas, Artefactos militares, etc.). Foi realizada visita ao Mosteiro Moreira da Maia a 16 de Agosto para observação e avaliação da Relíquia do Santo Lenho de Moreira da Maia.

Os Estrados (elementos centrais e base da exposição – Sala dos Forais e sala Foral da Maia) foram executados em oficina no decurso do mês de Agosto e foram colocados na primeira semana de setembro estando nesta data concluídos. Foram também executadas as restantes peças em madeira plintos, bancos e frentes de vitrinas temáticas (sala do foral da Maia).

Foi apresentada Timeline da produção e montagem da exposição a 27 de agosto de 2019. Foi realizada reunião final a 06 de setembro no espaço expositivo – Museu Castelo Maia - com os responsáveis científicos – Dr. Maia Marques e Dr. Rui Menezes para validação final dos trabalhos. Estão reunidas as condições para a colocação de artefactos e concluídos os trabalhos.



INAUGURAÇÃO

A 28 de setembro de 2019, no Museu de História e Etnologia da Terra da Maia, foi inaugurada a Exposição “Foral da Maia – 500 Anos”.

Presente muito público, com destaque para o Presidente da Câmara Municipal da Maia, Eng.^º Silva Tiago, o Vereador do Pelouro da Cultura, Doutor Mário Nuno Neves e os seus colegas de vereação Dr.^a Marta Peneda e Dr. Paulo Ramalho, os Presidentes de Junta da Cidade da Maia, da Vila do Castelo da Maia, e de Milheirós e a Secretaria da Assembleia Municipal e representação do seu Presidente, Eng.^º Bragança Fernandes, bem como dirigentes e técnicos da Autarquia.

A sessão iniciou-se com um momento musical protagonizado pelo Maestro Samuel Santos, cuja formação de base é a de tenor, e que, acompanhado por músicos da sua escola, interpretou magistralmente duas árias.

Usou da palavra o Vereador do Pelouro da Cultura que aproveitou a ocasião para nos falar sobre os forais, a sua importância enquanto documento fundacional para os municípios e a importância desta exposição para o conhecimento do passado da Maia.

Seguiu-se a intervenção do Presidente da Câmara, que destacou o trabalho realizado e a apostila da Câmara numas comemorações transversais e abrangentes destes 500 anos do Foral da Maia, ocupando não apenas um ou dois fins de semana, mas sim três anos (2019, 2020, 2021), com programação distribuída por este período.

Depois, houve duas pequenas intervenções a propósito das novas roupagens da sala de entrada e da de Arqueologia.

Na primeira, Armando Tavares comentou-nos o novo friso cronológico que, da pré-história quase à atualidade, percorre os caminhos da história maiata.

Na segunda, Sara Lobão fala-nos das peças arqueológicas aí expostas e da riqueza da arqueologia da Maia de que, há duas décadas, pouca gente suspeitaria.

No andar superior, em cujas salas está patente a exposição “Foral da Maia – 500 Anos”, a visita foi guiada por José Maia Marques.

Um texto inicial mostra-nos ao que vamos:

“Os Forais foram, desde antes da nacionalidade até ao reinado de D. Manuel I, documentos fundamentais não só para a estruturação do território como para a regulação da vida social e económica.

Assim, a história dos Forais é a história do território e das suas gentes.

A exposição “O FORAL DA MAIA VIAJA” propõe-nos um percurso pelos Forais e pela sua história, desde os que foram conferidos pelos nossos primeiros monarcas até aos que foram outorgados pelo rei D. Manuel I, após uma ampla reforma daqueles documentos, com destaque para o Foral da Maia dado a 15 de dezembro de 1519.

Com imagens, textos e quadros, procura-se fazer compreender a estrutura, o modo de funcionamento e a importância destes documentos para o despontar de um novo esquema administrativo do território nacional, que só viria a alterar-se na primeira metade do século XIX com a reforma de Mouzinho da Silveira.

Boa viagem...”



A exposição propriamente dita estende-se por duas salas.

Na primeira, aborda-se a questão dos forais em geral, da sua importância como instrumentos de organização do território, das populações e da sua vida quotidiana. Percebemos o que são forais velhos, dados ainda antes da nacionalidade e pelos nossos primeiros reis, e os forais novos, dados por D. Manuel I.

Aí estão patentes um modelo de Caravela Portuguesa, um conjunto de armas e utensílios da época cedidos pelo Museu Militar de Lisboa, dois manequins com réplicas de trajes da época, um representando D. Manuel I e outro um nobre, cedidos pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, e muitas ilustrações contemporâneas.

Na segunda sala o tema principal é o “Foral da Maia e o seu contexto, nomeadamente a sua importância na estruturação do território e na vida dos seus habitantes”.

Aborda-se a questão do território medieval maiato, da sua configuração e do seu desmembramento, do quotidiano das gentes da Maia e da forma como pagavam os seus tributos, e explica-se o centeúdo do Foral e a sua importância. Destaque para uma réplica da Nau S. Gabriel, a propósito da qual se estabelece relação forte entre a Maia e os descobrimentos.

Destaque também para uma réplica de um foral manuelino, e de um livro da época, de confirmação de um morgadio, que pertence ao Arquivo Municipal da Maia.

Mais dois manequins, representando um homem e uma mulher do povo, e um conjunto de medidas antigas de capacidade para sólidos, cheias com cereais que à época eram utilizados como meio de pagamento, completam esta sala.

Todo o percurso é entrecortado com muitas ilustrações e alguns textos alusivos à matéria em questão, sempre com uma linguagem rigorosa, mas pedagógica

No final do périplo, um “cantinho de leitura” permite que os visitantes se sentem e consultem bibliografia sobre o tema.

Uma exposição a ver, e rever, de preferência em família.

No fim da visita foram apresentados ao público os “biscoitos da Maia”, numa nova embalagem alusiva à efeméride, e o Espumante dos 500 anos do Foral da Maia, que foi servido juntamente com aqueles biscoitos.

Com um design requintado, a garrafa contém um espumante frutado, com alguma leveza, muito agradável, feito com vinho verde onde pontificam as castas loureiro, trajadura e alvarinho.

Como referimos no início, a exposição estará patente até finais de 2021.



Enquanto decorriam os trabalhos de remodelação do Museu, procedíamos á fase de recolha de peças: da nossa coleção, de particulares do concelho e de outras instituições.

O nosso muito obrigado a todos os que connosco colaboraram e ajudaram nesta realização tão marcante e na cedência de peças: Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Direcção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas; Família de Fernando Neves; IPMA – Associação Portuguesa de Modelismo Estático; Museu Militar de Lisboa; Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim; Paróquia de Moreira da Maia; Câmaras Municipais de: Almada, Coimbra, Gondomar, Lisboa, Murça, Montemor-o-Novo, Porto, Póvoa de Varzim, Sátão, S. João da Madeira, S. João da Pesqueira, Tarouca, Vale de Cambra e Vila do Conde.

E assim, inaugurou no dia 28 de setembro de 2019 a exposição de longa duração sobre esta temática, que estará patente até final de 2021.

Uma exposição que pretende levar o visitante numa viagem no tempo, desde o século XI até ao século XVI, contando a história dos forais e, particularmente, do Foral da Maia, mas também a história do território maiato e das suas gentes.

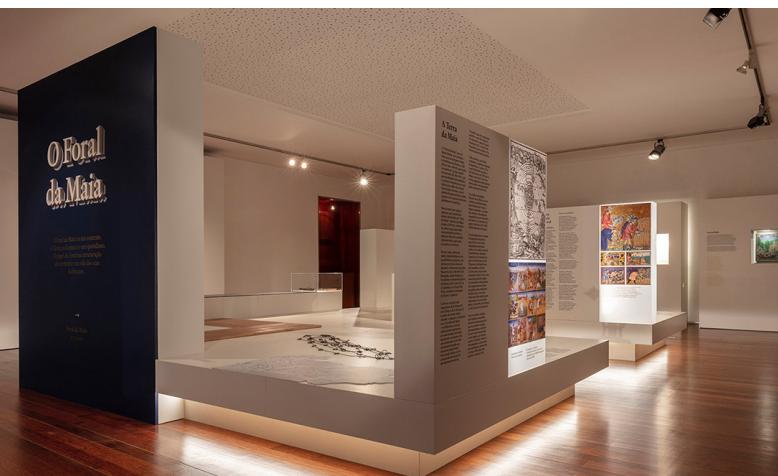


Sociedade

A sociedade dos inícios do séc. XVI possui uma organização que vem do tempo da Idade Média. Ainda conserva muitos elementos da sociedade medieval (especialmente do alto clero e da alta nobreza), vemos cada vez mais afirmar-se um novo grupo social, o burgues, já importante com D. João I, mas crescendo com a atividade comercial muito desenvolvida com os descobrimentos. O povo, esse, como ele próprio afirmava, "pagava e não bufava", trabalhando todo o ano, com exceção do domingo, dia santo, e de uma ou outra festa religiosa...

Este novo grupo social que se desenvolveu é voltado para o castelo e da corte nobre, a que praticamente só os elementos mais altos da sociedade tinham acesso. Mas a roda da fortuna gira e, em breve, serão os burgueses mais endinheirados que se dedicarão a estas atividades.

LIVRO DE HORAS DE D. ÁLVARO DA COSTA
Livro de Horas manuscrito, datado entre 1500 e 1510, executado no ofício do mestre iluminador Simon Bening (Gand, 1483 - Bruges, 1561) e provavelmente encomendado ao português João Rodrigues de Sá, mais depois comprado por Álvaro da Costa, camarheiro e conselheiro do rei D. Manuel I. É hoje propriedade da Morgan Library and Museum de Nova Iorque.



SERVIÇO EDUCATIVO

De forma a conseguirmos chegar a todos, pensando nos mais pequenos, que são a grande maioria dos visitantes do Museu Municipal, os serviços educativos organizaram diversas actividades para os mais novos.

O programa educativo criado para a Exposição comemorativa dos 500 anos do Foral foi desenvolvido em torno da exposição por forma a criar dinâmicas e aprendizagens sobre a mesma, atendendo às características específicas do Museu de História e Etnologia da Terra da Maia.

Este programa apresenta três actividades pensadas tendo em conta a exposição e os seus conteúdos, mas também na sociedade atual e de que forma poderia ser vista à luz dos dias de hoje, com uma abrangência e um olhar, pensados na comunidade educativa e na comunidade local/familiar.

Desta forma temos as actividades pensadas para as escolas desde a pré até ao 2º e 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário, contemplando várias vertentes ao nível cognitivo, psicomotor, social e afetivo.



Para as crianças da pré e do 1º ciclo temos então a atividade:

O FORAL DA MINHA/TUA RUA

Sabes há quanto tempo existe a Terra da Maia?
Quem vivia aqui, como se vestiam, como falavam entre si? Será que comiam como nós?

A partir dos conteúdos da exposição “500 Anos do Foral da Maia”, vamos partir à descoberta: as pistas de que precisas estão escondidas na exposição, será que estás com atenção?

Se o Foral conta a história de um lugar, será que temos algo a acrescentar? E da tua rua, como vais encontrar uma história tua?

Esta atividade parte da nossa exposição, mas vai continuar através de um livro de artista que cada participante vai utilizar, e das perguntas que com ele vai elaborar. Como irá terminar?

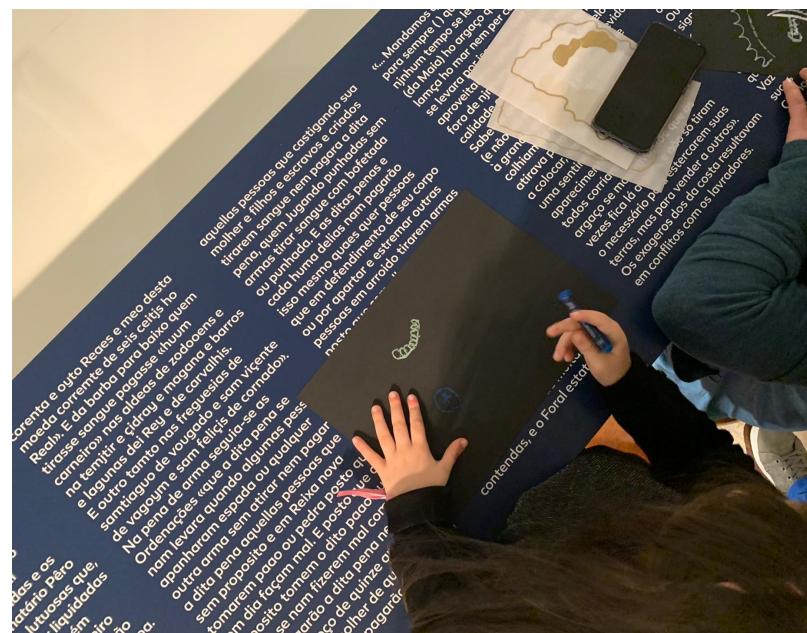
Para os jovens do 2º e 3º ciclo temos a atividade:

O QUE VEJO DESTA TORRE?

A história da Terra da Maia celebra 500 com o seu Foral: este determinava as regras mediante as quais a sociedade da época estaria organizada.

A partir dos conteúdos da exposição “500 Anos do Foral da Maia”, vamos conquistar um território desconhecido, procurando a Torre de Menagem do Monte do Castelo, criando as nossas próprias moedas, e simulando um Foral com regras adequadas ao nosso modo de vida. Vamos ainda investigar o que significaram algumas das mudanças do nosso território, o que os ciclos da natureza nos ensinaram, assim como as práticas agrícolas que daí se originaram.

O contexto de realização desta atividade pode contribuir para o desenvolvimento de uma metodologia de projeto em continuidade, articulando conteúdos que envolvem diferentes disciplinas.



Para as famílias o Museu apresenta a atividade:

ESTE FORAL NÃO É MEU!

A partir da visita à exposição “500 Anos do Foral da Maia”, vamos, em família, partir à descoberta: as pistas de que precisas estão escondidas na exposição, será que estás com atenção? Se o Foral conta a história de um lugar, será que temos algo a acrescentar?

Em todas estas acções, o Serviço Educativo pretende acima de tudo, que o público se identifique com a História da Maia, com a sua formação e evolução ao longo dos séculos, que tomem conhecimento da importância dos forais como documentos estruturais do território e da regulação da vida social e económica. A história dos Forais é a história do território e das suas gentes.

Para melhor atestarmos os ensinamentos que os mais novos aprenderam sobre a Maia e o seu Foral, aqui ficam as opiniões de alguns alunos do 3º (2019-2020) – Escola Básica nº 1 de Gueifães que estiveram no Museu e realizar as nossas actividades:

Foi bom ir ao museu. Aprendi muita coisa sobre a Maia.

Bernardo Cerdeira

A Maia teve um papel importante para a História de Portugal.

Carolina Oliveira

Gostei de ver as armaduras dos cavaleiros.

Daniel Oliveira

Fizemos uma viagem no tempo. Foi fantástico!

Francisco Valente

O foral é o reconhecimento da importância da Maia para Portugal.

Margarida Borges

Gostei de realizar as atividades.

Henrique Lima

Gostei de observar o cabacete.

Maria Neto

Adorei a “moeda gigante”, o escudo.

Lívia Borel

Viajar no passado, ajuda-nos a compreender algumas coisas.

Pedro Marques

OFICINAS DE ARTES PLÁSTICAS
para famílias

ESTE FORAL NÃO É MEU!

2019/2020
Museu de História e Etnologia da Terra da Maia

maia MAIA 500 ANOS

14 e 15
dezembro
2019

CELEBRAÇÃO DO FORAL

No fim de semana de 14 e 15 dezembro tiveram lugar mais uma série de iniciativas que visam celebrar a outorga do Foral da Maia em 1519, 500 anos cumpridos mais precisamente a 15 de dezembro. Nesse domingo comemoraram-se exatamente 500 anos de história, de vivências, de transformações, de tradições, mas sem perder a identidade e memória de um povo.

O povo das antiquíssimas terras da Maia. O povo do concelho da Maia.

Assim, na tarde de sábado, dia 14, teve lugar no salão nobre da Câmara Municipal da Maia, a conferência “Os Forais do Termo do Porto”, pelo Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva.

Na mesa de honra estiveram presentes o Presidente da Câmara Municipal, Eng. António da Silva Tiago, o Presidente da Assembleia Municipal, Eng. António Bragança Fernandes, e o vereador da Cultura, Dr. Mário Nuno Neves e o Dr. José Maia Marques.

O Prof. Francisco Ribeiro da Silva é Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Licenciado em Ciências Históricas e doutor em Letras, especialidade de História Moderna e Contemporânea pela Universidade do Porto. É autor de numerosos livros e artigos publicados em revistas da especialidade em Portugal e no estrangeiro.

Entre muitos outros cargos, foi vice-reitor da Universidade do Porto entre 2001 e 2006, e representante da UP no Conselho de Fundadores da Fundação de Serralves. É membro de várias associações científicas e culturais, entre as quais se destacam a Academia Portuguesa da História e o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

É, no presente, Mesário da Cultura da Santa Casa da Misericórdia do Porto e um dos mais reputados historiadores portugueses de História Moderna e da Cidade do Porto.

Na sua palestra, abordou o tema de como o facto de D. João I ter criado um “um espaço territorial que ficou conhecido como «Termo do Porto», constituído por diversos concelhos vizinhos, e que se destinava a tornar a cidade «sustentável». A todos esses concelhos D. Manuel I concedeu forais.” De seguida, apresentou uma visão comparativa desses documentos que, mesmo sendo de datas diferentes, são todos muito próximos cronologicamente. Finalizou a sua intervenção abordando o concelho da Maia, como seria a realidade da época e como se relacionaria com os restantes territórios, especialmente com a cidade do Porto.

Eis o texto completo da sua palestra.

500 ANOS
DO FORAL
DO CONCELHO E
TERRA DA MAIA

OS FORAIS
MANUELINOS
DO TERMO
DO PORTO

Francisco Ribeiro da Silva
Prof. Catedrático da FLUP (ap.)

Introdução: Quinhentos anos do Foral!

A primeira grande questão que me parece importante considerar, a propósito deste evento comemorativo, é se se justifica a celebração solene dos 500 anos de cada Foral, neste caso do Foral do Concelho e Terra da Maia¹.

Porquê esta introdução provocadora? É que, quando em 13 de agosto de 1832, o decreto da autoria de Mouzinho da Silveira, assinado pelo Príncipe Regente, e confirmado pela carta de lei de 22 de junho de 1846, abolia e tornava nulos todos os forais, isso era porque eles, os forais no seu conjunto, eram olhados como símbolo da desigualdade social, como instrumento de opressão dos poderosos e de apropriação injusta por estes do fruto do trabalho de lavradores, pescadores e outros. Injustiças que se queriam banir para sempre de uma nova organização social.

Por isso, em 1832 nenhum Concelho se lembraria de festejar os trezentos e tal anos do seu Foral!

Mas hoje estamos em 2019. A exploração do homem pelo homem não acabou. Mas as circunstâncias do presente são muito diferentes. Desapareceu da nossa memória coletiva a imagem dos reais aspectos negativos dos Forais manuelinos. Por isso, apesar do sentido da crítica histórica que é preciso não perder de vista, acredito que, hoje em dia, há razões para o Concelho festejar a passagem dos 500 anos do seu Foral.

Porquê? Porque o Foral manuelino não se esgota na relação, quase sempre tensa, ainda que em surdina, entre senhores e vassalos. Vejamos:

- a) O Foral é, sem dúvida, uma parte importante do Património histórico, cultural e administrativo da Terra. Acontece até que os forais são olhados pela tradição como símbolo e fundamento do poder municipal e até da criação dos concelhos. Há nessa tradição muito exagero, mas também algum fundo de verdade, sobretudo se pensarmos nos primeiros forais medievais, os «antigos», distintos dos forais manuelinos, também conhecidos por «novos. Por conseguinte, o Foral é importante pelo seu significado simbólico.
- b) Mas também é importante pela sua materialidade. Pela beleza material do pergaminho, da escrita e da ilustração. Mesmo que o original se tenha perdido, existe a sua cópia autêntica conservada na Torre do Tombo, no belo tipo de letra gótica e com capitulares iluminadas que sobressaem no pergaminho do Livro dos Forais Novos de Entre Douro e Minho². E é uma joia da antiga arte da iluminura,

¹ A matéria dos forais manuelinos faz parte, desde há muito, dos meus interesses de investigador e sobre ela fui publicando vários estudos. Por isso, é provável que alguns aspectos aqui tratados já tenham sido abordados em estudos anteriores. É inevitável. Citarrei aqui, por todos, O Foral dado por D. Manuel I à Vila da Feira e Terra de Santa Maria a 10 de Fevereiro de 1514, ed. fac-similada do original, introdução e estudo de Francisco Ribeiro da Silva, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 1989.

² Arquivo Nacional Torre do Tombo, Livro dos Forais Novos de Entre Douro e Minho, fl. XXV-XXVI.



FIGURA 1 *Livro dos Forais Novos de entre Douro e Minho*, ANTT

contemporânea dos tempos em que um Portugal inovador se afoitava mar fora para horizontes desconhecidos, mas promissores que, a Oriente, apontavam para a Índia do Prestes João, sonhada pelo Gama, e a Ocidente para o Brasil de Cabral, misterioso e surpreendente. Quantos edifícios haverá no Concelho com quinhentos anos?

Provavelmente algum existirá, seguramente venerando. Ora o Foral da Maia, não sendo um edifício, é uma parte do património maiato que faz quinhentos anos em 15 de dezembro de 2019!

Claro que é penoso para os brios da Terra e do Concelho que tanto o original entregue por ordem do Rei, em 1519, na Câmara Municipal do Porto, como o que pertenceu ao Senhorio, Pero da Cunha Coutinho, tenham desaparecido.

Do original depositado no Arquivo Municipal do Porto perdeu-se o rasto há mais de 400 anos. Não sabemos exatamente quando, mas foi por volta de 1614 que o Provedor da Comarca do Porto, o Dr. Miguel Rebelo de Castelo-Branco, denunciou, na sua correição anual, a ausência dos Forais da Maia e de Penafiel do Cartório da Câmara.

Como foi isso possível? Ignoramos! Provavelmente alguém os furtou. Seja como for, verificado o desaparecimento e goradas as esperanças de os encontrar, o dito Provedor obrigou as autoridades municipais portuenses a requererem ao Monarca uma nova cópia autenticada, extraída a partir do original da Torre do Tombo. O que a Câmara tratou de imediato.

A nova versão dos dois forais manuelinos, em letra cursiva seiscentista, despida de iluminuras, foi encadernada conjuntamente e pode-se consultar no Arquivo Histórico Municipal do Porto.

Depois da extinção ruidosa dos forais, em 1832, surpreende-me que estes Diplomas, na sua generalidade, tenham continuado a ser guardados e bem cuidados pelas autoridades municipais do Reino e pelos responsáveis pelos respectivos cartórios.

Porquê esse cuidado, se havia caducado a sua validade? Porque, para além do aparato externo e da encadernação em couro, armado com peças metálicas, provavelmente restaria, nos concelhos do Reino, alguma consciência do seu relevante significado histórico.

c) Daí a terceira razão pela qual faz sentido esta comemoração: a transposição da materialidade para a imaterialidade. Ou seja, os Forais são documentos emblemáticos dos Concelhos que, por si só, pela sua doação régia, justificam a importância das mesmas Terras e Concelhos. De facto, neste caso concreto, trata-se de um documento que vale mais que o seu valor material, porque é um atestado da importância histórica desta terra e das famílias dela. Neste caso,

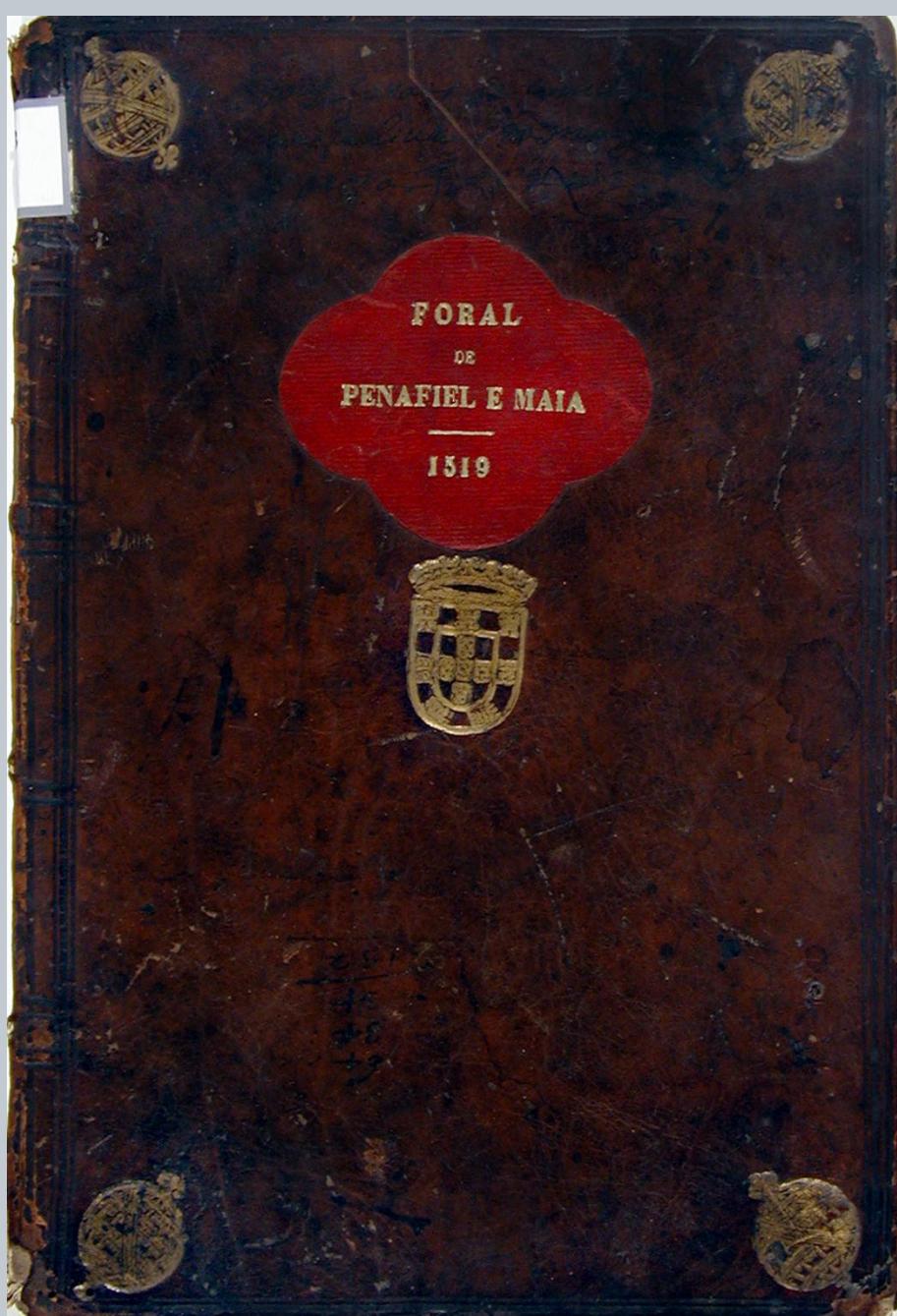


FIGURA 2 Capa da cópia dos Forais de Penafiel e Maia, AMP

importância no panorama geral dos Concelhos portugueses, mas importância útil por comprovar, pelas informações que oferece, a riqueza demográfica, a extraordinária fecundidade agrícola, a pujança económica e ainda a larga extensão geográfica da Terra da Maia que vai muito para além dos limites minimalistas do concelho, fixados pouco criteriosamente no séc. XIX.

d) Isto leva-nos para a quarta justificação do evento: o interesse histórico do conteúdo do Foral. É um documento de direito público, que nos informa sobre aspectos importantes da vida e da organização sócio-económica dos antepassados maiatos do longínquo séc. XVI, de muitos dos quais, até o nome nos é revelado.

Durante mais de três séculos as relações entre os produtores/lavradores da Terra da Maia e o Donatário da mesma foram por reguladas por este Diploma. E, sendo outorgado pelo rei, indiretamente converteu-se numa plataforma de ligação e ponto de encontro entre a Terra e o Monarca. O Foral hoje é uma relíquia estática, mas durante os séculos do seu pleno vigor, era um documento dinâmico, não para estar emoldurado mas para ser consultado e servir de referência e resolução de dúvidas de direito, quando elas surgissem.

A generalidade dos forais manuelinos, pelo seu próprio suporte em pergaminho, apresenta alguns folios em branco, os quais acabaram por ser aproveitados pelo Corregedor da Comarca, para provar a sua obrigatoriedade inspecção anual do documento. Assim: «visto em correição» com data e assinatura do Corregedor. Foi em resultado do cumprimento dessa obrigação legal que o Corregedor da Comarca do Porto deu pela sua falta em 1614.

O Foral da Terra da Maia e o Termo do Porto

Há uma segunda nota histórica que gostaria de recordar, a qual tem a ver com o enquadramento administrativo da Terra da Maia numa circunscrição territorial mais vasta, a qual se chamava «Termo do Porto».

Ou seja, uma circunscrição administrativa superconcelhia, não formal, não alinhada nas Ordenações, mas real, chamada o Termo do Porto, com o epicentro na cidade portuense. É certo que muitas cidades e vilas importantes dispunham do seu termo ou alfoz. Todavia, não conheço nenhuma que dispusesse de um termo tão vasto e tão vinculado como o Porto.

Por isso, quando um historiador se debruça sobre a urbe portuense e a olha no longo prazo de quase cinco séculos, contados entre a segunda metade do século catorze e os tempos que se seguiram à Revolução Liberal de 1820, não pode fixar-se apenas no núcleo urbano definido pelas muralhas fernandinas. Antes é obrigado a alargar o horizonte de análise muito para lá dos muros e dos arrabaldes, e alcançar, para norte, a margem esquerda do Ave, para sul, o Condado da Feira e Terras de Santa Maria e,

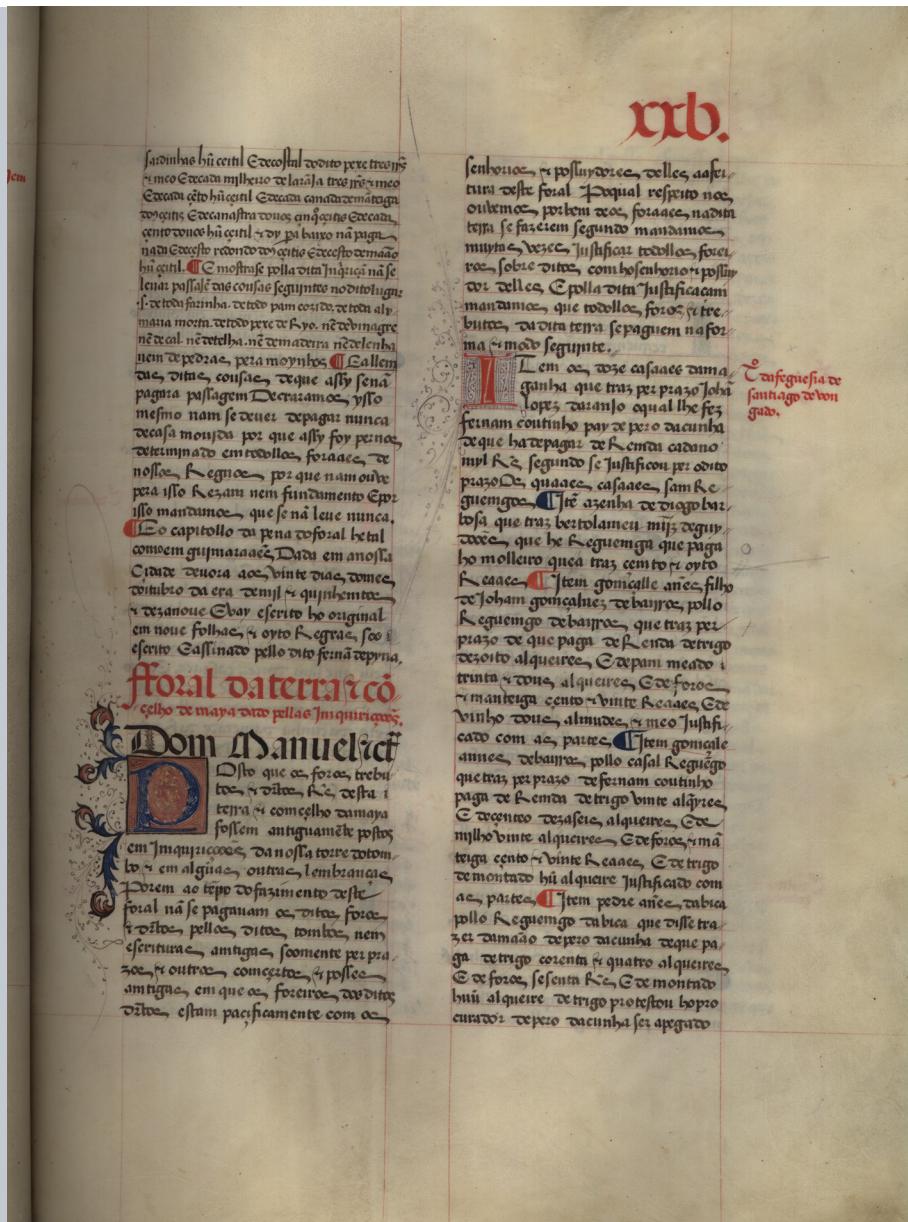


FIGURA 3 Folha onde começa o Foral da Maia, ANTT

para leste, além do rio Sousa até Arrifana de Sousa e Penafiel.

É que o Rei D. Fernando e depois D. João I, cedendo às pressões dos burgueses portuenses que se queixavam de falta de gente e de insuficiente abastecimento de géneros, ofereceram à cidade, como seu Termo, um vasto território formado pelos sete julgados ou concelhos circundantes, a saber, Vila Nova de Gaia, Bouças, Maia, Refojos de Riba d'Ave, Aguiar de Sousa, Penafiel e Gondomar.

Trata-se de um emparcelamento territorial político-administrativo-jurídico sancionado pelo poder central. A consequência imediata e de grande alcance foi, sem dúvida, a situação de alguma dependência e sujeição em que ficaram todos estes antigos concelhos, face à Câmara do Porto e ao seu Senado municipal.

A partir de então, as suas autoridades administrativas, embora continuando de eleição local, foram reduzidas e passaram a tomar posse na Câmara da Cidade, em cujos livros municipais ficaram exarados os respetivos assentos com assinatura dos empossados. Usando a expressão de Alexandre Herculano, passaram a «concelhos imperfeitos».

Sintomaticamente, a autoridade de governo municipal de cada um daqueles julgados deixou de ser o corpo de Câmara local, formado por um Juiz, um Vereador ou dois e o Procurador do Concelho, mas passou a ser o «Ouvidor» que, em nome da Câmara do Porto, regulava a vida quotidiana do Julgado, ouvia as partes e despachava questões de pequena jurisdição. Porque as maiores, essas tinham que ser submetidas ao Senado Municipal portuense e ao Juiz de Fora da Cidade. Esse Ouvidor era auxiliado por um «Meirinho» que exercia o poder policial e executava os mandados e poderia também recolher as coimas. Em algumas destas terras elegia-se também um ou dois Almotacés para vigilância da qualidade e da observância do preço fixado para os alimentos e o vinho, e ainda um Procurador. Nas freguesias de cada concelho elegiam-se ainda as autoridades que lhes eram próprias, ou seja, o jurado, o quadrilheiro e o coudel da montaria³.

Ao longo do ano, as autoridades municipais do Porto, Juiz de fora e Vereadores, por um lado, e Corregedor/Provedor, por outro, faziam correição pelos julgados do Termo do Porto, ou seja, uma visita de inspecção e fiscalização dos preços no consumidor e de verificação do estado da conservação das fontes e dos caminhos públicos. Em períodos críticos, de rebates de peste ou de mobilização militar, a presença das autoridades urbanas nos concelhos do Termo fazia-se sentir um pouco mais.

³ Ver Francisco Ribeiro da Silva, Níveis de Alfabetização dos Oficiais Administrativos e Judiciais do Concelho de Refojos de Riba d'Ave e da Maia na primeira metade do século XVII in Actas do Colóquio de História Local e Regional, Santo Tirso, 1981. Ver também do mesmo autor, Quinhentos/Oitocentos (Ensaios de História), Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009.



FIGURA 4 Termo do Porto

Este estado de coisas manteve-se até ao Liberalismo, ou seja, até 1834, com excepção do Concelho de Penafiel, que a partir de 1741 passou a ser autónomo em relação ao Porto, obtendo até um Juiz de Fora e, já nos tempos de Pombal, um Bispo diocesano.

Dependência administrativa não significou perda de identidade ou aniquilação de toda a autonomia jurídica. A prova está em que cada um destes concelhos obteve de D. Manuel o seu Foral novo, independente do Foral concedido à cidade do Porto. Ninguém perguntou às autoridades da cidade do Porto se autorizavam que se concedesse Foral aos julgados do Termo. Nem tinha que perguntar e não apenas porque os tempos eram de Absolutismo 'monárquico. Aliás, o Foral do Porto, no seu conteúdo ou ligações, não tem nada a ver com os outros, exceto com o de Gaia, simplesmente porque o rio, fonte de riqueza, é comum aos dois concelhos.

Assim aos concelhos do Termo do Porto foram outorgados os seus forais, um a um, sem que a data de concessão signifique qualquer tipo de precedência: **Refojos de Riba d'Ave** (1 setembro 1513); **Aguiar de Sousa** (25 novembro 1513); **Matosinhos** (30 setembro 1514); **Gondomar** (19 junho 1515); **Porto** (20 de junho de 1517); **Vila Nova de Gaia** (20 janeiro 1518); **Penafiel** - juntamente com Entre-os-Rios - (1 de Junho 1519); **Maia** (15 Dezembro 1519).

Tendo sido produzidos três exemplares de cada um destes Forais, um deles, por indicação expressa no próprio texto, devia ser entregue na Câmara da respetiva terra. Mas, sendo Termo do Porto, estavam sujeitos à sua Câmara. Por isso, foi nela que os diplomas foram depositados, em cujo Arquivo Histórico ainda se encontram.

O Foral do Porto e os Forais dos Concelhos do Termo. Tentativa de aproximação.

Comparando o foral do Porto e os dos concelhos do seu Termo, diremos então que entre alguns deles há notáveis semelhanças, mas não deixaremos de apontar as não menos evidentes diferenças. Basta antes de mais que pensemos no seguinte: se os forais manuelinos são cartas tributárias que reflectem as actividades de produção e de comércio, torna-se evidente que o foral dado a um lugar do litoral ou atravessado por um grande rio, é diferente do foral concedido a uma terra situada no interior. A pesca, no rio ou no mar, foi sempre um sector produtivo muito relevante. Da mesma forma, o foral concedido a uma cidade comercial apresentará diferenças do foral atribuído a uma vila ou concelho rural. Para além disso, voltando aos oito forais aqui lembrados, é possível encontrar semelhanças entre os do Porto, de Vila Nova de Gaia e de Matosinhos, por um lado, e os da Maia, Aguiar de Sousa, Refojos, Penafiel e Gondomar pelo outro.

Nos concelhos rurais a fixação dos foros tem por base a exploração do solo e dos factores de produção como os moinhos ou os lagares, mas num lugar junto ao mar ou sobranceiro a um rio navegável, uma forte componente dos tributos tem a ver



FIGURA 5 Funcionário Municipal, StBN

com a faina piscatória⁴.

E numa cidade dada ao comércio, são prevalecentes as taxas sobre o trânsito de mercadorias que nos aparecem com nomes muito diversos, mas com mais incidência nos direitos chamados de portagem e de passagem. Pode afirmar-se até que o enquadramento do comércio interno numa rede de taxas e tributos é praticamente constante em todos os diplomas manuelinos.

Quando um Concelho tem muitas freguesias, o foral é necessariamente mais extenso do que os de área diminuta. No caso dos forais do Termo do Porto há um de extensão assaz reduzida. É o de Gondomar que, no original, não utilizou mais de cinco folhas a contrastar com as quarenta e nove de Penafiel ou as quarenta da Maia. Há uma explicação para a brevidade do primeiro: não foi necessário elencar os foros freguesia a freguesia porque, ao tempo da redação do foral, existia um tombo concebido e redigido de comum acordo entre o senhorio e os lavradores, do qual constava o que cada foreiro devia pagar. Como todos se mantinham de acordo perante o conteúdo desse instrumento legal, que era o tombo, não foi necessário transcrever no foral o dito, visto que era conhecido de todos. Apenas foi imperioso ratificá-lo e fazer duas cópias, uma para a Câmara, outra para o senhorio. A primeira presumivelmente perdeu-se, ao contrário do foral. Mas quanto à atividade piscatória no rio Douro, que não constava obviamente do tombo, foi exarado no foral o direito chamado «condado», a cobrar pela pesca de sáveis, lampreias e outras espécies, a acrescentar às duas dízimas tradicionais, a «antiga» da Igreja e a «nova» do Rei.

Mas há aspectos comuns a todos ou quase todos, independentemente de serem endereçados a lugares urbanos ou a centros rurais. Destacaremos aqui algumas dessas matérias comuns. Vejamos:

a) Pena de sangue, ou seja, as coimas em favor do Senhorio, por agressões físicas violentas, com que eram punidos todos os que fossem culpados de morte ou de infligir ferimento a alguém. Mas as disposições concretas eram diferentes de foral para foral. Assim, no Porto, as penas por morte de homem, que andavam confusas, foram esclarecidas pelo foral, ou seja, em caso de homicídio o culpado pagava ao Bispo, Senhor da Cidade, 900 reais equivalentes aos antigos 33 maravedis. O mesmo se pagaria de qualquer besta ou alimária que provocasse morte a um ser humano. A alimária «culpada» perder-se-ia para o Bispo ou, em alternativa, o dono pagaria os ditos 900 reais, conforme quisesse. O alcaide-mor da cidade ou o alcaide pequeno levariam somente a arma do crime e nada mais.

Mas, em Vila Nova de Gaia, previam-se duas situações diferentes, consoante o homicídio fosse praticado no círculo urbano, zona privilegiada, ou na Gaia rural ou

⁴ Ver a propósito de Francisco Ribeiro da Silva, A pesca e os pescadores na rede dos forais manuelinos in «Oceanos», nº 47/48, Lisboa, Julho-Dezembro 2001, pp. 8-28.

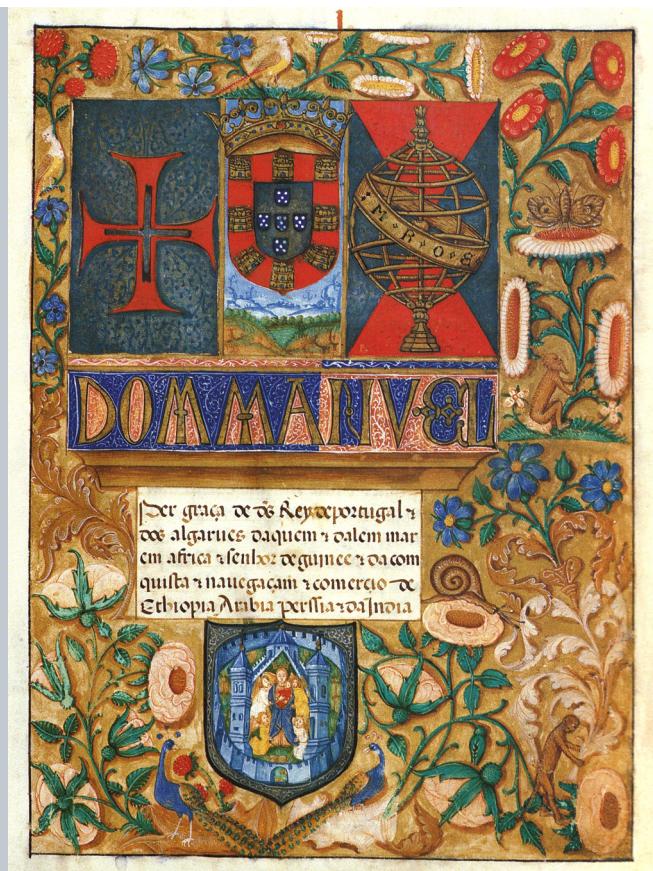


FIGURA 6 Foral Manuelino do Porto AHMP

«devassa», isto é, não privilegiada. No primeiro caso, o homicida pagaria ao Mordomo do rei 500 reais. Mas se o culpado quisesse recorrer da coima para o Tribunal, teria que pagar uma fiança no valor de 160 reais (valor que, por determinação do foral, correspondia a um terço dos ditos 500 reais). A questão seria decidida pelo juiz competente. Se o homicídio se cometesse na terra devassa do termo de Gaia, pagaria-se-iam 2.673 reais equivalentes a 100 maravedis da moeda antiga. A fiança, para quem quisesse recorrer a Tribunal, seria de 900 reais. Ao alcaide-mor do Porto pertenceriam as armas do crime, mas nada mais podia levar.

Em Refojos de Riba d'Ave (parte do actual concelho de Santo Tirso) nada se determina acerca da pena pecuniária por morte. Mas do ferimento de sangue no sobrolho, o culpado pagaria 200 reais ao Senhorio dos direitos reais. Mais uma vez, as armas utilizadas perder-se-iam em favor do alcaide-mor ou do alcaide pequeno da cidade do Porto. No concelho de Aguiar de Sousa, para além das armas, cabiam ao alcaide-mor do Porto somente 200 reais (e não os 1.080 reais que este, abusivamente, se tinha habituado a levar).

Na Terra da Maia tudo era diferente: o foral estipula que quem ferisse alguém com derramamento de sangue da barba para cima, pagaria ao Senhorio dos direitos reais 48,5 reais, equivalentes ao valor do maravedi velho. Mas se a ofensa fosse da barba para baixo, pagaria um carneiro. Cada terra, sua tradição!

b) ***Maninhos e Lutuosa.*** Os itens «maninhos» e «lutuosa» aparecem em quase todos os forais manuelinos. Maninhos eram espaços não cultivados pertencentes ao concelho, sendo, portanto, de fruição colectiva. As ambições dos Senhorios ou a pressão demográfica levavam a apropriações abusivas desses espaços, a que nem sempre foi possível pôr cobro. Mas quando as circunstâncias se mostravam favoráveis, a memória das gentes denunciava tais situações, actuando retroactivamente com sucesso. Sendo matéria tão sensível, não admira que apareça tratada em todos os forais do Termo do Porto. A conjuntura reformista de D. Manuel foi propícia a colocar ordem nesta matéria, por um lado, restituindo aos concelhos parcelas anexadas abusivamente por parte dos Senhorios, como foi o caso do Conde da Feira nas Terras de Santa Maria⁵. Por outro, definindo regras muito claras quanto ao futuro. Ou seja, o Rei pretende que nesta matéria dos maninhos se observe como norma o que estava prescrito nas Ordenações e que, na concessão dessas terras, as autoridades concelhias obriguem o requerente de terra maninha a definir com rigor a parcela pretendida, que os vizinhos fossem ouvidos e que ninguém nem as servidões públicas saíssem prejudicadas. Sem usar a palavra (transparência), o rei ordena que, nessa matéria, tudo decorra com transparência.

⁵ SILVA, Francisco Ribeiro da, O Foral da Feira e Terras de Santa Maria (1514) in «Revista de História», vol. XI, Porto, 1991, p.118.



FIGURA 7 Rosto do foral de Gondomar, ANTT

Concretamente no Foral da Maia, onde havia muitas parcelas reguengas, não se proíbe radicalmente a concessão de maninhos por parte das autoridades concelhias, até porque o incremento do povoamento é desejado. Mas estipula-se que eventuais espaços a conceder, não abranjam terras reguengas despovoadas, sobre as quais já se pagassem direitos, porque o reguengueiro podia utilizar como entendesse tais terras despovoadas, por exemplo, como pastos ou terras de pastagens.

Quanto à ltuosa, trata-se de um antigo direito que se pagava ao Rei ou ao Senhorio, por morte do vassalo detentor de terra aforada. Segundo o foral da Feira esse direito devia ser satisfeito pela entrega da «melhor peça ou joya de couxa móvel que ficar per morte daquella pessoa por quem se ouver de pagar a dicta lutosa». Na sua forma original, a ltuosa era, pois, um encargo relativamente pesado que provavelmente encontrara sua origem na Alemanha e tinha como fundamento original alguma espécie de escravidão⁶.

Na terra da Maia, cobrava-se a ltuosa, mas achava-se mergulhada em confusão quanto à forma e quantitativo do pagamento. Face à confusão, o Foral define e resolve do seguinte modo: continuaria a ser paga a ltuosa daquelas terras, casais e herdades foreiras que tivessem sido emprazadas, nas precisas condições declaradas no prazo. Nas terras foreiras ao Rei, onde houvesse a tradição do pagamento da ltuosa, continuaria a pagar-se por casal o mesmo que se tinha estipulado como foro, tributo ou pensão, mas somente no caso de ser o próprio caseiro encabeçado a viver e a morrer no dito casal. Não a pagariam as mulheres, mesmo que fossem herdeiras do casal encabeçado. Nem os outros herdeiros não encabeçados.

c) *A Pena do Foral.* Entendo dever dar relevo à chamada Pena do Foral, não porque seja uma especificidade do Foral da Maia, mas porque aparecendo no final de todos ou quase todos os forais, é uma garantia em favor dos foreiros. Trata-se da proteção legal dada a estes, contra potenciais arbitrariedades e prepotências de terceiros, nomeadamente dos Senhorios dos direitos reais ou seus representantes. No essencial, pune com duras penas os Senhorios ou seus agentes que ousassem levar mais direitos do que os consignados no diploma. Se o abusador fosse um recebedor ou coimeiro podia cumulativamente ser preso e ainda ter que pagar 30 vezes mais o que exigira em demasia (até à quantia de dois mil reais) e ainda ser degradado por um ano para fora da terra. O juiz competente para este efeito não precisava de ser uma eminente figura da justiça. Bastava o juiz ordinário, o vintaneiro ou até o humilde quadrilheiro, que tudo despacharia em processo sumário, oral, sem apelo nem agravo, desde que a verdade fosse apurada. E o acusador podia ser qualquer um. Se o prevaricador fosse o Senhorio por si ou interposta pessoa, poderia ver suspensos os seus direitos e a jurisdição de que usufruísse. E se os oficiais do fisco,

⁶ MENEZES, Carlos Alberto de, Plano de reforma dos forais e direitos bannaes fundado em hum novo systema emphytetico nos bens da coroa, de corporações e de outros senhorios singulares, Lisboa, 1825, p.75



FIGURA 8 D. Manuel I Ordenações, ANTT

tal como almoxarifes ou escrivães, não cumprissem o estipulado, perderiam seus ofícios. Desconhecemos se a cláusula protectora teve aplicação prática. Mas o facto de estar consagrada no Foral, em letra de forma, num tempo em que não havia Constituição, funcionou, por certo como se fosse uma garantia «constitucional» e foi, por certo, dissuasora de abusos.

Algumas especificidades do Foral da Maia

a) ***Enorme extensão da Terra da Maia.*** Uma das primeiras e mais marcantes notas que um estudioso do Foral verifica e regista é a enorme extensão geográfica por ele abrangida, a qual vai desde as freguesias da orla marítima, como Lavra, até Valongo, desde a freguesia de Árvore a S. Martinho de Bougado. No entanto, por informação do próprio Foral da Maia, a Quinta do Castelo da Maia, aforada a um tal Rui Lopes, foi a cabeça do recebimento das rendas da Terra da Maia (pertencente ao fidalgo Fernão Coutinho e depois a seu filho Pero da Cunha Coutinho, Senhor da Maia ao tempo da concessão do foral). Por conseguinte, testemunho da centralidade antiga do Castelo da Maia. Note-se que, incrivelmente, apenas uma pequena parte da antiga Terra da Maia faz parte do actual Concelho da Maia.

b) ***A relevância dos Senhores da família «Cunha Coutinho».*** Pero da Cunha é uma figura repetidamente citada no Foral. Semelhante, neste aspecto, ao peso do Bispo no Foral do Porto.

Este Pero ou Pedro da Cunha Coutinho, casado com Dona Beatriz de Vilhena (Dona Brites para alguns) possuía uma grande casa, um Paço no lugar de Monchique, na cidade do Porto que herdara do pai, Fernão Coutinho. Este nobre ilustre obrigou-se a travar duro pleito com a Câmara Municipal do Porto para tentar ultrapassar o privilégio que proibia aos fidalgos terem casa no Porto. Consegiu-o apenas em parte. Mas o filho Pero da Cunha, já no tempo de D. Manuel I, em 1503, foi autorizado a viver na cidade no seu paço de Monchique, visto o grande gasto que tinha feito nas «dittas casas». Terá sido o primeiro fidalgo a conseguir romper a tradição que vinha dos tempos medievais? Assim parece.

Ora foi no Paço de Monchique que a mulher de Pero da Cunha, Dona Beatriz de Vilhena, já viúva, em 1538, fundou o mosteiro da Madre de Deus de Monchique das Irmãs Franciscanas, mas a escritura do contrato com Diogo Castilho para as obras fora feita em 1533 e assinada por ambos, marido e mulher⁷.

c) ***Contratos de direito privado transformados em obrigações de direito público.*** O Foral da Maia é um exemplo evidente em que os contratos enfitéuticos, de direito privado, uma vez transcritos no Foral, passaram a ser de direito público. Na verdade,

⁷ Ver Joaquim Jaime Ferreira-Alves, Elementos para a história do Convento da Madre de Deus de Monchique in «Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património, Porto, 2002, vol. I, p. 130-132.

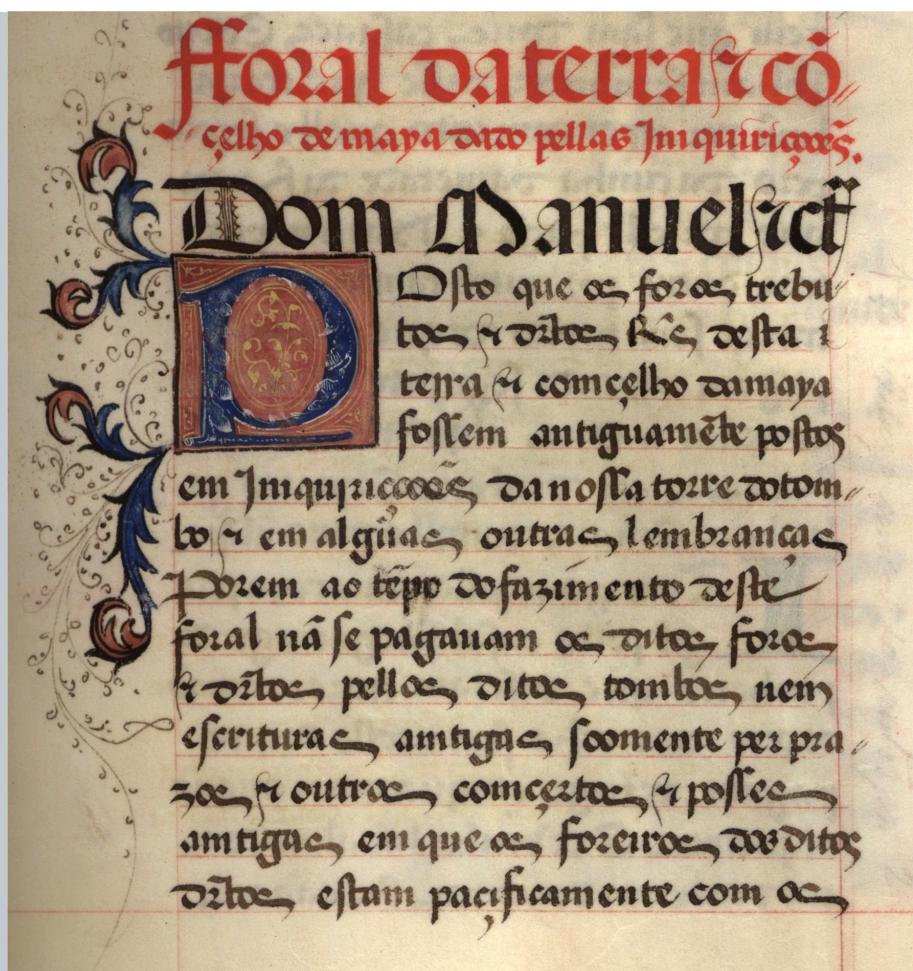


FIGURA 9 Foral Maia, ANTT

os antigos foros deixaram de se usar e o contrato enfitêutico com os lavradores passou a ser a base da tributação foraleira. De notar que grande parte das terras da Maia eram terras reguengas.

Outra nota importante do Foral é a evidência de que a economia da Terra se baseava na agricultura. Os foros são expressos em bens produzidos no campo: trigo, pão meado (centeio e milho), cevada, mostarda, vinho, bragais (peças de linho), animais domésticos - galinhas, patos, capões, porco. Noutros forais mantiveram-se foros em jeiras ou dias de trabalho dos enfiteutas nas terras próprias do senhorio. Nada disso existe neste.

Tal como noutros forais, uma parte dos foros era expressa em dinheiro vivo e não apenas na partilha da produção agrícola. Mas neste é notória essa característica que, a nosso ver, marca a transição da passagem para uma economia em que o capital adquiria cada vez mais importância. Note-se que o Senhorio recebia anualmente de foros em dinheiro vários contos de reis.

d) Um foral inacabado. Como se poderá verificar na informação acima, o Foral da Maia, de entre os forais do Termo do Porto, foi o último a ser promulgado, em 1519, dezanove anos depois da promulgação do primeiro, que foi o de Lisboa, e dezoito após o segundo, o de Évora. Não creio que tal demora aconteceu por acaso. A meu ver, a explicação encontra-se no próprio texto do foral. Não fora possível fundamentar juridicamente, em tempo útil, certos foros e algumas demandas sobre tributos em desacordo corriam seus trâmites nos tribunais. Isso deve ter atrasado Fernão de Pina na redacção final do Foral e consequentemente na promulgação régia. Para não atrasar mais, ficou finalmente exarado no texto do diploma que a decisão, que fosse tomada no Tribunal, teria efeitos imediatos e devia ser acrescentada ao texto do Foral. Do mesmo modo, corria na Casa do Cível e Relação, ainda em Lisboa⁸, uma questão entre o Senhorio Pero da Cunha e o senhor Pero de Madureira sobre a quantidade de terras abrangidas no seu préstimo de Avioso. Mais uma vez, quando a causa fosse despachada em definitivo, a decisão seria acrescentada no Foral.

Ou seja, aparentemente o Foral da Maia saiu inacabado da pena de Fernão de Pina. Mas só aparentemente porque, tanto quanto sabemos, nunca mais se lhe mexeu. Acrescente-se que esta circunstância não é exclusiva do Foral da Maia. O mesmo aconteceu com outros forais, por exemplo no do Porto. Mas, neste caso, introduziram-se nele, mais tarde, correções e acrescentos⁹.

⁸ A Casa do Cível e Relação foi transferida para o Porto por Filipe II em 1582. Ver O Tribunal da Relação do Porto. O Palácio da Justiça do Porto, Porto, Tribunal da Relação do Porto, 2008.

⁹ Ver O Foral do Porto 1517-2017 Marca de um Rei. Imagem de uma cidade, coordenação científica de Paula Pinto Costa, Porto, Câmara Municipal, 2017, pp. 91-98



FIGURA 10 *D. Manuel I*

Conclusão

Dissemos no início que os forais, à data da sua abolição, em 1832 eram odiados pelos liberais porque, para eles, eram a expressão da desigualdade social e da opressão dos senhores sobre os lavradores e outros produtores, a qual se desejava abolir.

Mas nem sempre essa visão das coisas assim foi.

Quando os forais, há quinhentos anos, foram assinados pelo Rei, tiveram bom acolhimento numa parte da população, curiosamente a que tinha que pagar, muito embora alguns Senhores e fidalgos se mostrassem descontentes.

Porquê? Porque o monarca, tentando responder a uma reclamação dos povos, (que se queixavam, desde os tempos de D. João I, de abusos dos Senhores, decorrentes da má interpretação e até falsificação dos forais medievais), tentou pôr ordem na questão dos foros, operando aquilo que os Historiadores chamam «reforma manuelina dos forais». Na verdade, na grande parte dos casos, o que D. Manuel I fez não foi a reforma dos forais medievais, mas a concessão de foral (único) a muitos concelhos onde, por tradição antiga, ou por contratos enfitêuticos se pagavam foros, tributos e pensões. Como havia queixas de abusos e exorbitâncias nesses foros e pagas, foram averiguadas as justificações de todos os foros e pensões. E só ficaram consagrados nos forais, os foros que tinham o seu fundamento legal em documentos anteriores ou em tradições bem fundamentadas. Sempre que não havia fundamento documental ou costumeiro para determinado foro, ele era abolido na letra do foral. Por exemplo, no foral da Maia acaba-se com o antigo foro que incidia sobre o sargaço, que se recolhia do mar ou que o próprio mar atirava para a praia, precisamente porque não existia justificação documental para tal foro.

E os foros que ficaram registados no foral, passando a direito público, foram objecto de negociação que, por vezes, demorou muito tempo e isso explica o período de mais de 20 anos pelo qual se prolongou a concretização da reforma manuelina dos forais. Sabemos e convém realçá-lo que, em muitos casos, os representantes do povo, foram verdadeiramente ouvidos por Fernão de Pina, na fase preparatória. Na verdade, os forais estão cheios de referências a obrigações contributivas que deixavam de se cobrar porque haviam sido introduzidas por abuso dos Senhores. Por isso, os Forais manuelinos foram bem recebidos, embora com críticas aqui e ali.

Por outro lado, todas as pensões e foros ficaram escritos. Em cada momento, o lavrador podia dizer: só pago isto porque isto é o que está escrito. E o mesmo se diga para o Senhorio. Mas, ao contrário dos forais medievais, não havia hipótese de este acrescentar algo espúrio nas entrelinhas, porque os exemplares eram três e, em caso de dúvida, era fácil aferir pela cópia guardada na Torre do Tombo. Até nesse aspecto, os Forais manuelinos foram importantes!

LANÇAMENTO
DO LIVRO
“500 ANOS
DO FORAL
DA MAIA”

Seguiu-se o lançamento do livro
"500 Anos do Foral da Maia".
Para memória futura e como
síntese aos discursos da tarde,
transcrevemos aqui o discurso
do Sr. Vereador do Pelouro da
Cultura, Doutor Mário Nuno Neves.

Exmo. Senhor Presidente da Câmara, Eng. António Domingos da Silva Tiago,

Exmo. Senhor Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva,

*Estimados colegas do Executivo, membros da Assembleia Municipal e
representantes das Juntas de Freguesia,*

Exmo. Senhor Dr. José Augusto Maia Marques,

Distintos Convidados,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

*Começo por saudar o Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva pela magnífica
conferência que proferiu e afirmar que não poderíamos ter tido melhor
enquadramento para o Livro, "500 Anos do Foral da Maia", que apresentamos
publicamente, neste preciso momento.*

*A ideia de se fazer esta obra não é nova. Já em 1999, o Dr. José Vieira de
Carvalho, a propósito da celebração dos 480 anos da outorga do Foral, num
documento que está reproduzido neste livro, manifestava, claramente, esta
intenção. Intenção, que o Eng. António Domingos da Silva Tiago, actual
Presidente da Câmara, em boa hora, transformou em decisão.*

*Na verdade, não faria qualquer sentido, nestes três anos em que comemoramos
e celebramos o nosso Foral, através de inúmeras e variadas iniciativas, o mesmo
não fosse objecto de uma abordagem científica, clarificadora, e que o tornasse
"compreensível" para as presentes e futuras gerações.*

*E é esse o propósito deste livro, que fruto de um meticoloso trabalho do
investigador Dr. José Augusto Maia Marques, que aproveito para saudar e
felicitar, nos "transforma" o "Foral da Maia" num documento acessível e
verdadeira fonte de preciosas informações, não só para os cientistas sociais,
mas, também, para qualquer pessoa interessada na História dos Territórios e das
Comunidades.*

Enquanto Vereador, celebrando hoje 22 anos de funções, com especiais responsabilidades na Cultura, com uma longa e intensa paixão pela História, que valorizo, sobretudo, enquanto lição, sempre disponível para o presente, esta publicação, assume particular importância, não só pelo que a mesma representa em termos de democratização da Cultura, mas, também, pelo simbolismo que a mesma aporta, e que celebra uma comunidade que apesar de viver na vanguarda do futuro, tem uma particular preocupação na preservação e divulgação das suas matrizes identitárias, renovando-as, quotidianamente, na sua generosidade, no seu amor ao trabalho, no respeito pelos vínculos familiares e de vizinhança, na alegria com que recebe novos habitantes, na profunda ligação à terra e na coragem de enfrentar todos os novos desafios.

Nós, os maiatos e as maiatas, por nascimento ou por opção de vida, somos filhos, naturais ou adoptivos, de uma Terra antiga – muito mais antiga do que o Foral que nos foi outorgado em 1519 – uma Terra antiga que se recusa a ser velha e que vive plenamente a contemporaneidade, carregando consigo todo o seu passado, mas não o sentido como peso, mas sim como fonte de inspiração e preservação.

Na riquíssima paisagem humana da Maia de hoje, faz tanto sentido a presença activa do artesão e do lavrador, como a de um engenheiro bioquímico ou aeroespacial, da mesma forma que, no espaço físico, convivem com igual harmonia uma mamoa pré-histórica com o mais avançado dos edifícios inteligentes.

Esta particular forma de ser Território e Povo, a nossa, obedece a características, que bem lido nas suas entrelinhas, podem ser encontradas, no documento ora celebrado, sobretudo na certeza que temos que uma comunidade só prospera e encontra ordenamento apropriado, se cada um sentir tanto prazer no exercício dos direitos, como no cumprimento dos deveres, em que os da consciência são bem mais importantes que os ditados por Lei.

Este Livro, que além do mais é uma belíssima peça gráfica, cientificamente rigoroso e pedagogicamente elaborado, e mais uma vez saúdo o Dr. Maia Marques pelo excelente labor, serve, na plenitude, esses objectivos: inspirar o presente e o futuro, preservando o fio condutor, tecido pelo tempo, pelo modo e pelas circunstâncias, que nos dá sentido ao que somos e ao que queremos ser e nos garante, com igual intensidade, porto seguro.

Termino, felicitando a Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Maia, na pessoa da Dra. Sofia Barreiros, pelo esforço de coordenação, que tão excelente resultado teve.

Muito Obrigado.

O autor falou sobre o desafio e a importância de escrever e desconstruir tão importante documento para o concelho e a árdua tarefa de legar às gerações vindouras um estudo aprofundado sobre a temática dos forais, com especial relevo para o nosso Foral da Maia.

E lembrou que tudo começou com um desafio feito ainda no tempo do Dr. Vieira de Carvalho, vinte anos antes, quando se comemorariam os 480 anos do Foral, onde, dada a importância deste documento para a Maia e os maiatos, se procuraria concretizar uma série de iniciativas - realização de conferências e a edição do Fac-símile do Foral, a sua transcrição e consequente leitura.

Passemos às palavras do Dr. Maia Marques, em discurso directo sobre a temática:

Já há 20 anos o Dr. Vieira de Carvalho pensou em editar o Foral da Maia num outro contexto, embora este objetivo nunca tenha sido concretizado.

O Eng.º Silva Tiago, Presidente da Câmara Municipal da Maia, desperto para estas coisas da História e do Património, acolheu a nossa sugestão, veiculada e coordenada pelo Vereador Doutor Mário Nuno Neves, e entendeu perfeitamente a importância, o alcance e a transversalidade da comemoração dos 500 anos do Foral da Maia, não só no aspeto histórico como identitário. Por isso esta publicação agora lançada na data da efeméride, mas cujas comemorações se estenderão até 2021, com uma programação muito variada e abrangente.

Num ambiente de guerra motivado pela Reconquista Cristã, os primeiros forais foram atribuídos desde o século XI, supondo-se que o mais antigo é o de São João da Pesqueira de 1055, e tinham sobretudo como finalidade principal povoar e atrair população a um local, possibilitando a agricultura, a criação de gado e o comércio e facilitando a sua defesa.

Ora, era preciso estabelecer obrigações e garantias das pessoas e dos bens, dizer que impostos e tributos tinham de pagar, e informar dos castigos que se aplicavam em caso de faltas e crimes. O Foral tornava-se assim também (e às vezes sobretudo), um verdadeiro código de convivência, procurando minimizar ou eliminar os conflitos sociais. Todos sabiam, perdoe-se-me o vernáculo, “as linhas com que se cosiam”.

Mas este ambiente vai-se alterando e chegamos ao reinado de D. Dinis que iniciou um período de desenvolvimento do País, fazendo com que a própria vida das pessoas comece a ser muito mais virada para a paz do que para a guerra.

Se os tempos mudaram, se o dia-a-dia mudou, se os pesos, medidas, moedas, mudaram, os Forais também tinham que mudar. Esta mudança concretiza-se com D. Manuel I, que com os chamados “Forais Novos”, transforma os documentos iniciais em grandes listas de proprietários, locatários e rendas a pagar, procurando assim salvaguardar a propriedade real, por um lado, e impedir os abusos dos senhores das terras, por outro.

Nesta obra que agora se lança procura-se precisamente seguir o percurso desta história da outorga dos forais até chegarmos a 1519, ano em que D. Manuel I, estando em Évora, concedeu em 15 de dezembro foral à Maia. Isto numa primeira parte. Depois, aborda-se o processo de reforma dos Forais, as razões para essa reforma, e as transformações por que passaram estes documentos.

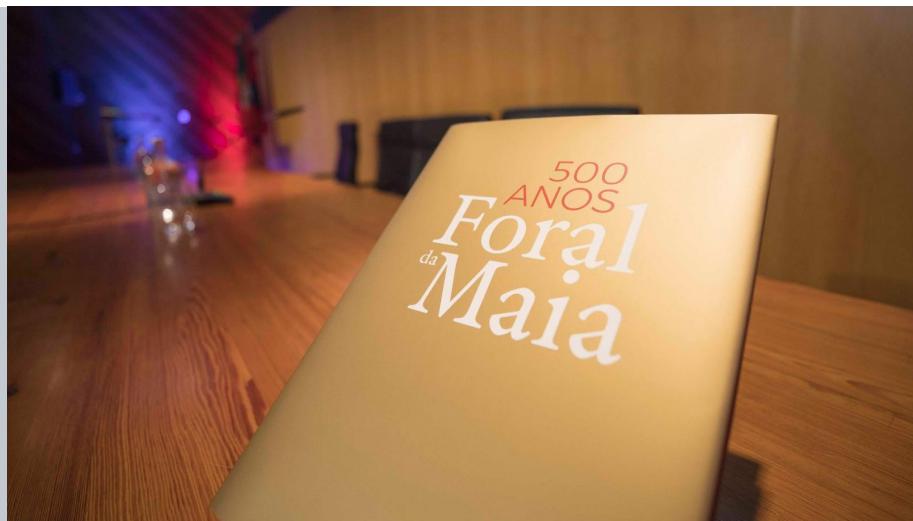
Finalmente, fala-se do Foral da Maia, das suas origens, das suas vicissitudes (já que o original se perdeu) e, sobretudo, da informação de ele nos lega, Tal como se afirma, sem ser um Foral riquíssimo, dá-nos no entanto muita informação sobre a Maia e os maiatos no início do século XVI, desde o aspeto humano ao económico e social.

Encerram o volume um glossário e as reproduções dos documentos.

Procurando chegar a um público muito diversificado, o modo como o livro está redigido, as ilustrações que contém, o glossário final, mas também a publicação dos originais dos documentos, faz com que o livro esteja ao alcance de todos, porque se procurou combinar o rigor científico e documental com uma linguagem acessível e uma exposição compreensível.

Esta obra traz-nos várias “novidades”. Em primeiro lugar o desejo que a sua informação fosse acessível. Assim, as leituras e transcrições estão feitas num português mais atual do que o que vemos em obras congéneres. Depois, um enquadramento histórico e cronológico de todo este processo de concessão dos Forais, desde antes da nacionalidade e até ao final do reinado de D. Manuel I. Publicou-se também algo que ninguém ou quase ninguém faz – não só o Foral propriamente dito mas também a Inquirição que foi feita no terreno no ano anterior (1518) e que levou justamente à redação do Foral. Finalmente, fazemos um tratamento temático do próprio documento, sem no entanto esgotarmos as possibilidades de o trabalhar. Ele tem ainda muito que nos contar, e um dos objetivos principais deste livro é justamente fornecer a outros investigadores e estudiosos materiais para trabalhos futuros.

A tarde terminou com a oferta de livros aos presentes, tendo o autor escrito algumas dedicatórias e deixado a sua assinatura nas obras.



**C O N C E R T O
D E G A L A**

Nessa noite de sábado, pelas 21:30, realizou-se no grande auditório do Fórum da Maia, perante uma iminente lotação esgotada, o concerto de gala comemorativo dos 500 ANOS DO FORAL DA MAIA.

Sob a direção do Maestro Fernando Marinho, a Orquestra do Norte interpretou a 7ª Sinfonia de L. V. Beethoven Op.92 em Lá Maior, uma das obras mais revolucionárias do compositor alemão. Na segunda parte do concerto foi totalmente dedicada às obras do compositor maiato Victor Sampaio Dias, que foram estreadas neste concerto: a Abertura 1519, Maia Rurália, Maia Urbanitas 2019 e Ousamos Sonhar. No elenco do concerto tomaram ainda parte, Ana Barros, soprano, Jaime Correia, na gaita-de-foles e na parte final subiu ao palco o Coral Infantil Municipal dos Pequenos Cantores da Maia, sob a direção da Maestrina Ana Lídia Rouxinol.

Como forma de certificar a solenidade e importância do momento, ficam aqui as palavras do Srs. Presidente da Câmara Municipal da Maia e do vereador do pelouro da Cultura:

A comemoração de uma efeméride como a data da outorga do FORAL DA MAIA por D. Manuel I, facto histórico que ocorreu a 15 de dezembro de 1519, merece ser assinalada de modo especial, neste ano de 2019, em que se completam precisamente 500 ANOS.

A dimensão simbólica que esta evocação assume para a comunidade concelhia da Maia é, claramente, uma oportunidade para reforçar os sentimentos de pertença identitária e de robustecimento da coesão social, quer pelo significado que a partilha de valores culturais representa, como pelas vivências em comum que a fruição dos eventos comemorativos a todos proporciona.

Para além das conferências, das exposições, dos livros, do objeto artístico expressamente criado por Álvaro Siza Vieira e da emissão de um selo postal alusivo à efeméride, ficarão igualmente para a posteridade, as quatro obras sinfónicas que o compositor Victor Sampaio Dias compôs, expressamente, para assinalar os 500 ANOS DO FORAL MANUELINO DA MAIA.

Recordo o dia em que me surpreendeu com a abertura sinfónica em três andamentos que acertadamente intitulou de “1519”, assim como não esquecerei os momentos em que fez questão de me confiar as partituras de “Maia Rurália”, uma obra que completou com “Maia Urbanitas 2019”, fechando depois a série com “Ousamos Sonhar”. O compositor maiato Victor Sampaio Dias doou generosamente os direitos de execução pública desta série de obras, deixando ao Presidente da Câmara Municipal a responsabilidade de escolher uma das IPSS’s do concelho, a quem deverão ser entregues esses direitos.

Sublinho a generosidade desse gesto de cidadania socialmente responsável e solidária, mas sublinho igualmente o facto de ter tido, também, o rasgo criativo de intitular as suas obras de uma forma muito sugestiva que, de algum modo, simbolizam uma metáfora que nos identifica enquanto comunidade com memória histórica, com raízes culturais numa ruralidade que persiste, com urbanidade moderna e com ousadia de sonhar.

A Maia é uma terra de músicos talentosos e compositores de grande qualidade, razão pela qual, teria sido possível incluir outras obras comemorativas neste álbum se, porventura, elas tivessem sido criadas com este propósito, como ousou concretizar Victor Sampaio Dias. Acalento a expectativa que a motivação que serviu de inspiração a este compositor maiato contagie outros compositores, que inspirados pelo mesmo tema, se decidam a enriquecer o nosso património musical concelhio.

Este concerto de gala pela Orquestra do Norte, sob a direção do Maestro Fernan- do Marinho, é o primeiro de uma série de eventos artísticos, integralmente dedicados à celebração desta memorável efeméride, que amanhã comemora meio milénio do FORAL MANUELINO DA MAIA.

*O Presidente da Câmara Municipal da Maia,
António Silva Tiago*

A música é talvez a expressão e a linguagem mais universais da Humanidade, que incide, como poucas, quer na emoção quer na razão, e tem o condão de nos levar à transcendência e de nos libertar. Além da excelência criativa que a fruição da 7ª Sinfonia do genial Beethoven nos permite apreciar na 1ª parte deste concerto de gala, as quatro peças que completam a 2ª parte – Abertura Sinfónica 1519, Maia Rurália, Maia Urbanitas 2019 e Ousamos Sonhar – permitem-nos o prazer de abordarmos a Maia, na sua riquíssima e longa História, desde os primórdios ao presente, numa perspetiva completamente distinta do habitual, pois a viagem que nos proporciona é toda ela realizada no patamar da sensibilidade sublimada pela música, sendo em simultâneo experiência e descoberta.

Enquanto Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Maia e enquanto cidadão com idade e experiência suficientes, para distinguir o essencial do acessório e de separar o trigo do joio, reconheço que este contributo para a Maia e para o que celebramos neste ano de 2019 (500 anos do Foral da Maia), que o espírito, vontade e talento do Dr. Vitor Sampaio Dias nos oferece a todos, é dos mais marcantes e belos. Tenho a certeza que todos aqueles que tiverem a oportunidade de escutarem esta música, comigo concordarão.

*O Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Maia,
Mário Nuno Neves*

Já o compositor da obra, maestro Victor Dias refere que dedica "as quatro obras, a cuja criação me entreguei de corpo e alma ao longo de mais de um ano da minha vida, à terra onde nasci e onde sempre vivi, a minha e nossa Maia.

No meu espírito houve todo um caminho de sentimentos de pertença, de experiências vivenciais que desde a minha infância até aos nossos dias, se revelaram em imagens mentais que procurei traduzir em Música".

A "Abertura 1519" obedece a um programa histórico-cultural que procura uma ideia musical para o passado remoto, para um tempo de ação e para uma perspetiva de futuro.

As fantasias "Maia Rurália" e "Maia Urbanitas 2019" são partes integrantes do mesmo pensamento musical, que procura "pintar" musicalmente a Maia da sua meninice, pontuada por uma ruralidade que teimava em persistir ou, melhor, em resistir à marcha do tempo.

Em "Maia Urbanitas 2019", há toda uma dinâmica de matizes que procuram remeter para o bulício do quotidiano de uma cidade onde tudo fervilha num ambiente multicolor e diversificado nas formas e conteúdos de expressão.

Finalmente, a partir do Poema "Ousamos Sonhar", apresenta-se uma tentativa de evocação épica da participação da antiga Terra da Maia e das suas gentes de agora, na ousadia coletiva de ousar sonhar o futuro e acreditar com esperança.

Este evento, organizado pela Câmara Municipal da Maia, através do Pelouro da Cultura e integrado na vasta programação cultural e artística que assinala a outorga do Foral da Maia, a 15 de Dezembro de 1519, pelo Rei D. Manuel I, finalizou os eventos desse dia.





SESSÃO SOLENTE

Mas passadas umas horas, logo no dia seguinte, pelas 10h30, teve lugar também no salão nobre da Câmara Municipal da Maia, a sessão solene das comemorações dos 500 anos do Foral, onde foram entregues réplicas da obra criada pelo Arq. Álvaro Siza Vieira, para representar esta data de grande significado histórico e cultural. “Haverá forma mais legível para um município homenagear alguém?”

Assim, a comemoração dos 500 anos do Foral da Maia foi o pretexto e uma forma de prestar tributo a entidades do concelho que contribuíram para a divulgação desta efeméride e ainda a algumas personalidades do município. Este galardão foi distri- buído a 38 entidades e cinco individualidades - um “troféu” desenhado pelo Arqtº. Siza Vieira especialmente para este efeito.

O presidente da Câmara da Maia, Eng. Domingos da Silva Tiago recordou que “o Foral continua a ser um símbolo de uma identidade municipal. Há 500 anos, o Foral era um instrumento político, hoje, é um símbolo que nos impele a perspetivar o futuro do município. O Presidente ainda lembrou que, “à época, o Foral da Maia foi o grande instrumento político do Estado, entenda-se da Coroa Portuguesa. 500 anos passados sobre a outorga desse instrumento, é tempo de o evocar, cuidando de compreender todas as possibilidades da sua simbologia histórica, cultural, política e social.

Na verdade, creio existir no Foral da Maia, uma dimensão simbólica que nos interpela e impele a uma reflexão coletiva, que tomando as referências e o legado dos nossos antepassados, nos convoca para um questionamento crítico sobre a Maia que somos hoje e nos desafia a perspetivar com confiança, o futuro da comunidade. Uma comunidade que guarda e respeita a sua memória com gratidão, vive a sua realidade presente com alegria e prepara-se, quotidianamente, para o futuro com confiança”.

De acordo com o autarca, estas comemorações que este ano se iniciaram, vão prosseguir em 2020 e só encerrará em 2021, cumprindo “um vasto programa de eventos culturais, cívicos e sociais”.

Sobre os homenageados, foram atribuídos troféus aos jornais Primeira Mão, Maia Hoje e o Jornal de Notícias. Também todos os 10 presidentes de Junta do concelho maiato tiveram também direito a este tributo, bem como diversas instituições de solidariedade, desportivas, culturais, de ensino e empresariais.

Segue detalhadamente a lista das colectividades distinguidas: Banda de Música de Moreira, Banda Marcial de Gueifães, as associações de Bombeiros de Moreira e de Pedrouços, A Causa da Criança, Associação Atlética de Águas Santas, Associação Empresarial da Maia, APPACDM, ASMAN, Associação O Amanhã da Criança, Castelo da Maia Ginásio Clube, CICCOPN, Clube Via Norte, Colégio Novo da Maia, Cooperativa Agrícola da Maia, Coral Pequenos Cantores da Maia, Criança Diferente, Cruz Vermelha da Maia, Grupo Regional de Moreira da Maia, ISMAI, Lions Club da Maia, Rotary Club da Maia, Santa Casa da Misericórdia da Maia, Grupo Desportivo e Cultural de Gueifães e Grupo de Teatro Art'Imagen.

Ao nível individual, cinco personalidades do concelho mereceram a distinção – a saber: Bernardino Costa Pereira, Jorge Luís Catarino, José Maia Marques, Luciano da Silva Gomes e Maria Esperança Pereira Santos. No final, todos os presentes tiraram uma fotografia de grupo no interior do edifício da Câmara Municipal, visto as condições climatéricas não o permitirem no exterior.



À *volta do Foral*

OUTRAS ATIVIDADES

Associadas às comemorações dos 500 anos do Foral, surgiram uma série de iniciativas que começaram em 2019.

CONFERÊNCIA ORDEM ADVOGADOS

Mas o pontapé de saída ocorreu uns anos antes, em 2016. Em maio desse ano, a Delegação da Maia da Ordem dos Advogados realizou na Sala de Conferências da Biblioteca da Câmara Municipal da Maia., no dia 19 de Maio, pelas 18h00, uma tertúlia subordinada ao tema “500 anos do Foral da Maia / Perspetiva Jurídica”, onde foram oradores o Exmo. Senhor Dr. Maia Marques, Historiador, o Exmo. Senhor Dr. Aloísio Nogueira, Advogado e o Exmo. Senhor Dr. Nogueira da Costa, Advogado.



MAM – MÊS DA ARQUITETURA DA MAIA

No dia 01 de março de 2019, foi inaugurada o MAM'19 - Mês da Arquitetura da Maia - Fast Forward, com curadoria da arquiteta portuguesa Andreia Garcia. O MAM'19 tem como escopo propor uma antevisão do território daqui a 100 anos e contou com a participação de 8 *ateliers* de arquitetura emergentes e 4 críticos da arquitetura. Segundo as palavras de Andreia Garcia, *Fast Foward*, o tema do MAM'19, inovou nesta edição ao ampliar o seu público assistente, sendo agora bilíngue e pretendendo explorar o futuro e temáticas que lhe são indissociáveis como território, paisagem, ambiente, arquitetura, tecnologia, mobilidade e sociedade.

Sobre o infinito que é o mundo dos seus possíveis discursos. O que prende uma de muitas narrativas que especulam sobre o futuro é a incessante perspetiva que nos permita situar-nos no hoje. Sobre o que poderá ser situar-nos enquanto escape à indeterminação do tempo, cada vez mais acelerado. Numa leitura feita à história da cidade, é possível dizer que é nos vários tempos em potência que o debate deve ser levantado, que o acaso da ruína surge, que a dúvida é suscitada, que o apelo ao novo torna o excesso num *cliché* que se apresenta, na maior parte das vezes, em fragmentos históricos retalhados. É sobre o futuro que questionamos o quotidiano. É também nele que a (in)temporalidade permite exaltar a memória coletiva da raça humana, que, na sua maioria, manifesta o seu poder em monumentos, mitologias ou ficções. Se ontem falávamos em cidades especulativas moldadas por ideologias, por políticas, por infraestruturas de edifícios, espaços públicos e estradas, hoje falamos em redes digitais, em *hyperloop*, em alterações climatéricas, em planeamento *top-down* e iniciativas *bottom-up*, em desumanização, em biotecnologias, em alojamento na nuvem.





Convocar a uma reflexão conjunta sobre o futuro é desestabilizar aquelas que são as ideias adquiridas, obrigando à reflexão.

A partir da Maia – e de cidade para cidade – podemos caminhar por entre as visões futurológicas que os arquitetos convidados foram convocados a desenvolver. Num caminho feito a partir de uma fronteira de 100 anos, *Fast Forward* reuniu uma diversidade de práticas e abordagens arquitetónicas a contribuir para a expansão da reflexão de uma cidade do futuro, desenvolvendo coletivamente narrativas que decorrem de um urbanismo imaginado.

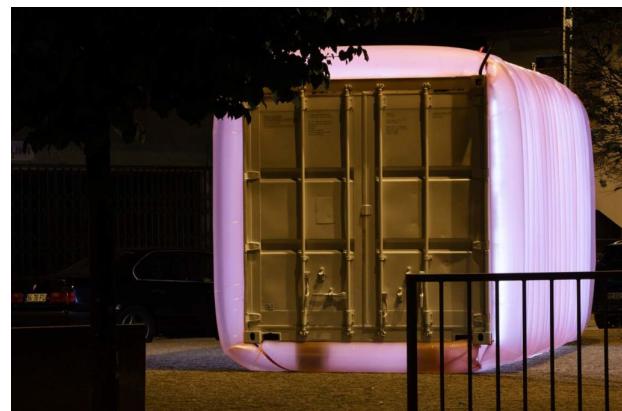


IMPORT / EXPORT - BIENAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA MAIA DE 2019

A edição de 2019 da Bienal de Arte Contemporânea da Maia invade, questiona e decifra a cidade a partir do tema *Import / Export*. Numa cidade de territórios híbridos, entre o rural e o industrial, e no ano em que a Maia celebra 500 anos da atribuição do Foral Manuelino ao concelho, é no fôlego contemporâneo que a geografia, a urbanidade e os perímetros socioculturais são expandidos e tratados em laboratórios criativos. Em 16 contentores implantados em 7 locais estratégicos do concelho: Praça do Doutor José Vieira de Carvalho, Parque Cidade Desportiva, Maninhos, Mandim, Estação do Metro do Castelo da Maia, Feira de Pedras Rubras (freguesia de Moreira), Parque da Pícuia (freguesia de Águas Santas), a Bienal da Maia cria eixos de pensamento crítico entre a Arquitetura, o Design, as Artes Plásticas e os Novos Media.

Com curadoria geral de Andreia Garcia e co-curadorias assinadas por Diogo Aguiar e Javier Peña Ibáñez (eixo disciplinar arquitetura), por Luís Albuquerque Pinho e Luís Pinto Nunes (eixo disciplinar artes plásticas), por Sara Orsi (eixo disciplinar novos media) e por Vera Sacchetti (eixo disciplinar design), a 8^a edição da Bienal de Arte Contemporânea da Maia contou com mais de 40 artistas nacionais e internacionais (Alemanha, Espanha, Estados Unidos da América, Dinamarca, Holanda, França, Inglaterra, Itália, Macedónia, Suíça, Venezuela) através de 24 novas criações e 26 eventos – apresentações de livros, conversas, happenings, performances, visitas, workshops.

O concelho da Maia é um município marcado por contrastes: ao mesmo tempo que é atravessada e conectada por, e a partir, de grandes vias, não deixa de ter caminhos informais; ao mesmo tempo que assume um centro urbano, apresenta no seu tecido fragmentos rurais ou agrícolas, industriais e residenciais; ao mesmo tempo que se apresenta ao devir do global, sabe potenciar o local.





Sensível ao momento em que as realidades locais e globais se sobrepõem, em que a importação e a exportação de bens, saberes e sabores se apresentam em estado líquido, a Bienal de Arte Contemporânea da Maia de 2019 assume o tema dicotómico *Import / Export*, favorecendo uma reflexão urbana, social e cultural a partir da expressão artística.

Considera-se fundamental a aposta pela interação com todo o território da Maia, do consolidado ou marginal. É intenção criar espacialidade não pela arte pública, mas pela arte levada ao público, ou seja, colocar a arte num lugar de discussão pública destinado ao diálogo e à ação social, atribuindo ao espaço público um papel que vai para além da crítica dos mecanismos opressivos da cidade, para construir a polis através da participação das pessoas.

Para além do sentido desta experiência, que se pretende concretizar em exposições que se apropriam de 16 contentores espalhados pelo território da Maia este momento vai aproveitar o laboratório criado para refletir não só a experiência, mas questões que vão desde o urbanismo unitário, à arte pública, ao direito à cidade, à *terrain vague*, aos não-lugares, à anarquitetura, etc ... ao longo dos três meses do evento e de um programa reflexivo e participativo.



JANTAR MANUELINO

A Real Confraria Gastronómica das Cebolas e o Agrupamento de Escolas do Castelo da Maia associaram-se às comemorações dos 500 anos do Foral e com a colaboração da Câmara Municipal da Maia, Divisão de Cultura, Unidade de Turismo, Junta de Freguesia do Castelo da Maia e Cooperativa Agrícola da Maia, organizaram um Jantar Manuelino no dia 26 de outubro de 2019 na Escola Secundária do Castelo da Maia. Foi servida uma ementa da época preparada pelos alunos do curso de cozinha e pastelaria dessa mesma escola.

A sala esteve cheia, vendo-se muitos autarcas, autoridades, e sobretudo apreciadores da gastronomia histórica.

Foi preparada uma ementa o mais próxima possível do que se comia em 1519, constituída por:

- Pastéis de carne
- Sopa de couve flor e especiarias
- Galinha mourisca com cuscuz
- Leite queimado

Ao longo do jantar, cada prato foi alvo de uma explicação sobre a sua origem e método de confecção, tendo o Dr. Maia Marques apresentado-nos uma interessante síntese sobre como seria uma refeição “naqueles tempos”.

Fizeram também intervenções o Dr. Paulo Ramalho, Vereador das Atividades Económicas e Turismo da Câmara Municipal da Maia, o Diretor do Agrupamento de Escolas, o Responsável pelo curso de cozinha e pastelaria e, claro, o organizador do Jantar e Grão-Mestre Chanceler da Real Confraria das Cebolas.

Esteve patente a exposição “O Foral da Maia Viaja” e uma série de ilustrações da época relacionadas com o tema gastronómico, que foram vistas por todos os presentes.



Aqui ficam essas palavras do Dr. Maia Marques sobre um jantar por volta de 1500.

Se recuássemos até 1519, quase tudo seria diferente. Os alimentos seriam, em muitos casos, muito distintos dos de hoje. O milho, por exemplo, base da alimentação do minhoto para as papas, os caldos e a broa, não existia ainda. O que havia era o painço, milho miúdo ou milhete. O mesmo acontecia com a batata. Hoje é quase impossível imaginar a alimentação sem a batata, mas de facto ela só começa a usar-se no século XVIII.

A dieta medieval portuguesa era bastante limitada, constando sobretudo de pão de trigo ou centeio; de legumes variados, com predomínio para as couves, o grão e as favas; de frutas, como as castanhas, as maçãs, as uvas ou os marmelos; de vinho e de azeite; e de mel, que servia de adoçante. Algum peixe e alguma carne completavam a mesa dos mais abastados.

Já se conheciam algumas especiarias, mas eram caríssimas, daí que o sal e as ervas aromáticas se utilizassem muito. O conhecimento dos novos mundos – África, Ásia e América – alteraram radicalmente a dieta dos portugueses. Mas isso levou anos a concretizar.

Da Ásia vieram a cana de açúcar, a pimenta, a canela, o gengibre e o cravo-da-índia, que se vulgarizaram em Portugal e, logo depois, na Europa. Vieram também frutas então quase desconhecidas entre os europeus, como a banana, a manga e a laranja doce. Da longínqua China, os portugueses trouxeram ainda o chá, que é hoje a bebida mais consumida a nível mundial.

Da África, os navegadores portugueses trouxeram a malagueta, o coco, a melancia, a tangerina e mais tarde também o café, que diversificaram a nossa gastronomia.

Da América trouxeram os navegadores ibéricos a abóbora, o amendoim, o ananás, a batata, a batata-doce, a baunilha, o cacau, o caju, o feijão, o girassol, o maracujá, o milho, a papaia, o pimento e o tomate. E até um animal – o peru – então completamente desconhecido.

*Desta época chegou-nos um interessante livro de receitas – *O Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*. Compõe-se de quatro seções: carne, ovos, leite e conservas. Permite-nos saber que na época havia duas refeições diárias importantes: o jantar, entre 10 e 11 horas da manhã (a principal) e a ceia, entre 18 e 19 horas. As parcas referências a uma terceira refeição, o almoço, parecem indicar tratar-se de uma refeição de carácter secundário, que se referirá ao atual «pequeno almoço», ou «primeiro almoço».*

Jantar e ceia eram normalmente constituídas por carne e peixe, bebidas – água ou vinho – e sobremesas – fruta, fresca seca ou em conserva, e doces. Mas isto era para quem era.

A base alimentícia era carne de carneiro, porco, vaca e aves. O peixe costumava ser alimentação de pobres. Usavam-se ervas aromáticas, manteiga e sal, além dos chamados “adubos” (cravo, canela, pimenta, açafrão e gengibre). Cozia-se em panelões de três pernas ou suspensos em gancho, sendo a cozinha quase sempre separada da casa para evitar incêndios. Também se usava muito o forno.

O peixe constituía uma importante base alimentar para as populações da costa litoral marítima e para os que viviam junto aos rios. O peixe de mar, comido fresco junto à faixa costeira, chegava ao interior salgado ou seco. Algum marisco era também um alimento comum na época quinhentista não faltando referências ao mexilhão, ao berbigão e a outros frutos do mar”.

Com base na documentação, sabemos que, em Quinhentos, em Portugal, se criava, em casa ou nos pastos: bois, vacas, novilhos, porcos, marrãs, leitões, bodes, cabras, cabritos, carneiros, cordeiros e ovelhas. Entre os animais de criação doméstica encontrámos, ainda: galos, galinhas, frangos, frangões, capões, patos, pavões, pombos, rolas e coelhos. A estes há que juntar a caça.

Alguns destes animais eram alimentados para a engorda, sendo, por isso, designados «cevados». Este termo provém de cevada, pois era costume os animais serem engordados com cevada. No Entre Douro e Minho, usava-se a bolota para cevar os porcos o que fazia com que não fosse necessário gastar cereais.

Também sabemos a fruta que se consumia na centúria de quinhentos. Eis alguns exemplos - De fruta verde, consumiam-se abrunhos, ameixas de todas as castas, amoras, camarinhas, castanhas, cerejas, cidras, figos, ginjas, laranjas, limas, limões, maçãs, marmelos, medronhos, melões, nêsperas, peras, pêssegos, romãs e uvas. De fruta seca, consumiam-se ameixas passadas, amêndoas, avelãs, bolotas, castanha pilada, figos passados, nozes, pinhões, tâmaras e uvas passas.

Doçaria, ou muito simples, caseira, ou mais complexa, conventual.

Quanto a D. Manuel ele mesmo, gostava de comer bem embora o fizesse com moderação. Era abstémio. Na véspera de Natal, por exemplo, recebia nobres e cavaleiros com frutos frescos e confeitos da Madeira, acompanhados de vinho, que nem sequer provava.

Quanto ao jantar de hoje, se fosse há 500 anos.

Para cá chegarem, os nossos ilustres convivas tinham de enfrentar várias aventuras e perigos. Logo à partida eram dominados pelo escuro. Não havia nenhum tipo de iluminação pública.

Paris, Londres ou Amesterdão, só tiveram iluminação pública, e a azeite, na segunda metade do século XVIII, isto é, mais de duzentos e cinquenta anos depois do nosso foral. Lisboa só tem iluminação em 1780. E mesmo assim passado pouco tempo acabou porque o azeite era caro. Só foi retomada em 1801. No Porto chegou um pouco mais tarde.

A pé, a cavalo, ou de carro de bois, cada participante neste jantar deveria vir munido da sua própria lamparina de azeite para evitar cair nos imensos buracos das estradas da época, muitas delas ainda romanas, isto é, com mais de trezentos anos e sem manutenção. É que o macadame só foi inventado em 1820 e os paralelos só entram em força em 1929.

Depois, havia que enfrentar insistentes pedintes, leprosos mascarados e com uma campainha que eram obrigados a tocar sempre que viam alguém, e ladrões sem escrúpulos, que faziam jus à expressão “a bolsa ou a vida”.

Cá chegados em razoáveis condições, estariam à luz de lamparinas de azeite, com a sua luz coada, trémula e incerta. O azeite, além de condimento fundamental, era também a substância por excelência para a iluminação. Alguma luz e também calor seriam dados pela lareira, igualmente utilizada para cozinhar.

O público seria eminentemente masculino. Mulheres, num jantar destes, só na cozinha ou na sala como criadas. Ou então, se se tratasse de um “jantar privado de cavalheiros”, estariam também “donas” de outro tipo. Haveria muito barulho, alguns palavrões e blasfêmias. Também alguma música.

Comia-se essencialmente com uma faca pontiaguda, que cortava e espetava, e sobretudo com as mãos. A colher era para as sopas e caldos.

O aparecimento do garfo à mesa dá-se com D. João III (r. 1521-1557) mas num grupo muito restrito da aristocracia e muito raramente. O uso tornar-se-ia popular entre as classes altas apenas em 1836, com a Rainha Maria II, quando seu esposo Fernando II a convenceu a usar o novo talher de forma habitual em eventos da corte. Tinha dois dentes e servia apenas para espetar.

Entre a sua introdução na Europa no final do século XVI e meados do século XVII, surgiu o terceiro dente. O quarto dente teria surgido na segunda metade do século XVII para atender ao Rei Fernando II das Duas Sicílias, que não gostava de ver os fios longos do espaguete escorregarem nos garfos de três dentes. Na Inglaterra não chegou antes de meados do século XVII, trazido pelo viajante Thomas Coryat e só se popularizou muito depois.

O garfo com a faca e a colher (o talher básico como hoje o conhecemos) é coisa do século XIX. Mas, meus caros amigos, peguemos então nos talheres de hoje e degustemos uma refeição de ontem confeccionada pelos chefes de amanhã. Bom apetite.

SEMINÁRIO ICM

Um dos módulos do ano escolar do Instituto Cultural da Maia também passou pelo estudo do Foral.

Inserido na disciplina de Património Cultural, ministrada pelo Dr. Maia Marques, como não podia deixar de ser, os 500 anos do Foral da Maia mereceram especial destaque, tornando-se especialmente “apetecíveis” aos nossos seniores maiatos.

Cumpre-se assim um dos desígnios deste organismo, proporcionar aos seus amigos um agradável espaço de convívio, interajuda e sã ocupação dos tempos livres, ao mesmo tempo que se proporcionam oportunidades de manter activos os seus alunos, numa aquisição de novos conhecimentos e até a descoberta de talentos artísticos que estavam escondidos à espera de ser despertados.



FÉRIAS CULTURAIS



As Férias Culturais da Páscoa são um projeto que surge da vontade de partilhar com as crianças e jovens o património cultural do concelho da Maia e de oferecer tempo de qualidade, no calendário não escolar.

O programa tem como finalidade promover o desenvolvimento e enriquecimento das competências pessoais e sociais dos participantes, bem como o sentimento de grupo das relações interpessoais, incentivando à criatividade através de educação pela arte e património cultural da Maia. Nesta semana, na tarde de 9 de abril, decorreu uma oficina sobre 500 anos do Foral, ministrada pelo Dr. Rui Menezes, onde os mais pequenos puderam escutar as primeiras noções do que era um Foral e o exemplo maiato. De seguida puderam visitar a exposição itinerante do Foral que se encontrava na Biblioteca Municipal. No final, puderam dar asas à sua imaginação desenhando temas relacionados com a História e o património da Maia.

MAIA SYMPHONIC

Já em 2019, no dia 20 de julho, teve lugar o Maia Symphonic na Praça do Município. Neste evento esteve presente a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, com a direcção musical de Diogo Costa.

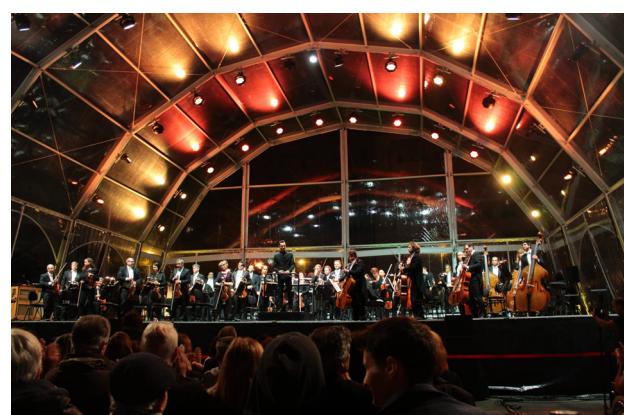
No palco estiveram músicos a interpretar as seguintes obras:

- Joly Braga Santos *Abertura Sinfónica nº 3, op.20*
- Nikolai Rimski-Korsakoff *Capricho Espanhol*
- Igor Stravinski *Dança Infernal de O Pássaro de Fogo*
- Manuel de Falla *Interlúdio e Dança Espanhola de A Vida Breve*
- Zoltán Kodály *Danças de Galanta*

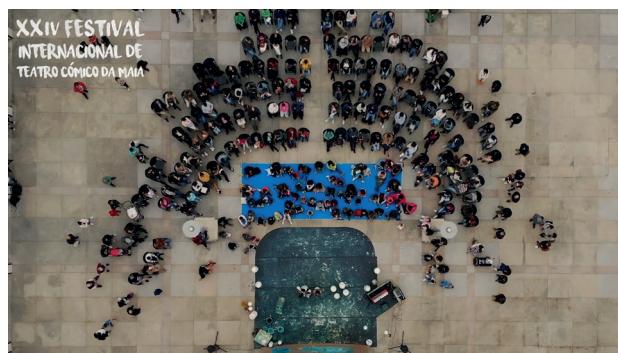
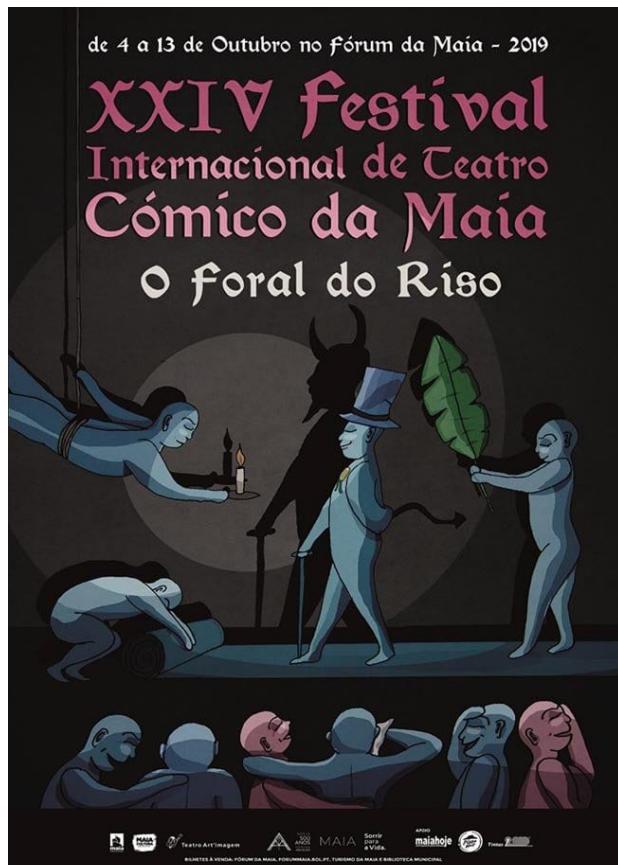
No seu regresso à cidade da Maia, a Orquestra Sinfónica realizou uma viagem por paisagens e danças contagiantes. Começou por apresentar as intermináveis planícies alentejanas que Joly Braga Santos verteu em música. Saltou depois a fronteira para dançar os ritmos espanhóis – primeiro nascidos na imaginação de um russo que nunca pisou a Península, depois por um andaluz que mergulhou apaixonadamente no cante jondo. Pelo meio, outro russo, que faz dançar os demónios ao som de melodias mágicas. O concerto terminou com Danças de Galanta, uma obra construída sobre as recordações de infância do célebre compositor húngaro Kodály.

E foi assim que decorreu este evento de entrada gratuita e acessível a todos, numa coprodução da Casa da Música e da Câmara Municipal da Maia. Foi mais uma realização que corporiza a estratégia de aproximação dos maiatos à cultura nas suas múltiplas expressões, potenciando a elevação social, a criatividade e multiculturalityade.

Será, com certeza, um evento a repetir e a manter na nossa programação cultural.



FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO CÓMICO DA MAIA 2019



De 4 a 14 de Outubro de 2019 realizou-se a 24^a edição do Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia (FITCMaia), uma iniciativa da Câmara Municipal da Maia em colaboração com o Teatro Art Imagem, com a presença de 21 companhias, 10 portuguesas e 11 provenientes de várias regiões de Espanha, da nossa vizinha Galiza ao País Basco, França, Itália, Grã-Bretanha, Bélgica, Ucrânia, Estados Unidos e Argentina.

Foram apresentadas pela primeira vez e em estreia em Portugal 7 espectáculos de companhias estrangeiras e duas nacionais de grupos portugueses.

Durante 9 dias, já que a 6 de Outubro não houveram espectáculos devido às eleições para a Assembleia de República, cerca de 150 profissionais das artes de palco estiveram presentes na cidade da Maia, no ano em que o município celebra os 500 anos do seu Foral, e apresentaram 25 sessões de 24 espectáculos diferentes onde celebraram o Teatro através das suas vertentes cómica, do humor e do riso, numa diversificada gama de propostas artísticas que atravessam várias disciplinas e técnicas clássicas até às abordagens contemporâneas, questionando o homem e o seu mundo, na função mais importante desta tão antiga arte que ao vivo confronta públicos e artistas com a fragilidade e força da nossa própria condição humana.

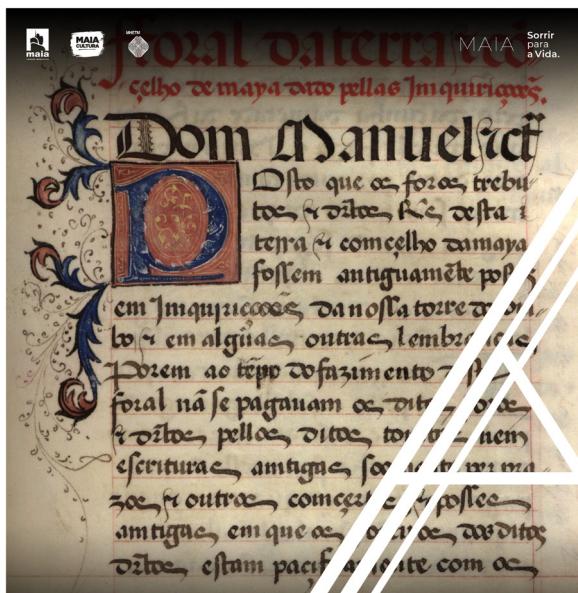
VÍDEOS INSTITUCIONAIS

Neste ano de 2019 foram produzidos dois vídeos institucionais pela Câmara Municipal da Maia onde o património e a história são dominantes.

O primeiro retrata a história da Terra da Maia e como o Arq. Álvaro Siza Vieira a transmitiu pelo seu risco na criação da obra. Um segundo vídeo surge já no final de 2019, com imagens dos eventos recentemente realizados: a conferência com o Prof. Francisco Ribeiro da Silva e a apresentação do livro dos 500 anos do Foral da Maia, o concerto comemorativo 1519-2019 pela Orquestra do Norte e a Sessão Solene das comemorações dos 500 anos do Foral da Maia.



CONVERSAS NO MUSEU



ATIVIDADE

CONVERSAS NO MUSEU "O FORAL COMO PATRIMÓNIO, E O PATRIMÓNIO DO FORAL"

7 DEZEMBRO 15:00

MUSEU DE HISTÓRIA E ETNOLÓGIA DA TERRA DA MAIA

CONTACTOS: (+351) 22 987 11 44 | MUSEU@CM-MAIA.PT
INFORMAÇÕES: CM-MAIA.PT
ENTRADA: GRATUITA

APOIOS:

No final do ano de 2019, mais concretamente, pelas 15:00 do dia 7 de dezembro, tiveram lugar mais umas Conversas no Museu, desta vez, dedicadas ao tema do Foral da Maia e aos seus 500 anos - "O Foral como Património e o Património do Foral".

Assim, com uma plateia interessada em saber mais sobre esta realidade longínqua, aprendemos que os Forais ou Cartas de Foral são documentos emitidos e outorgados pelo Poder Real em Portugal, com o objetivo de instituir Concelhos, regulando, em simultâneo as regras para a sua administração e os seus deveres e privilégios. O Foral da Maia, foi outorgado, por D. Manuel I, em 15 de dezembro de 1519, ato que celebra neste ano de 2019, quinhentos anos. Tendo em conta, quer o valor simbólico do documento para o estabelecimento da matriz identitária da Maia, quer o valor simbólico da data (cinco séculos), As Conversas no Museu, pretendem realçar a importância deste documento como Património e o Património que o Foral contém em si, aproveitando-o como um momento excelente para o reencontro da comunidade maiata (por nascimento ou por opção de vida) consigo mesma e com o Território.

UIVO 9 - MOSTRA DE ILUSTRAÇÃO DA MAIA

A Câmara Municipal da Maia, através da Divisão da Cultura, promoveu, entre 6 de dezembro e 23 de fevereiro de 2020, a 9ª edição da UIVO - Mostra de Ilustração da Maia. Com curadoria de Cláudia Melo, a exposição apresentou trabalhos de 32 artistas, nacionais e internacionais.

Esta Mostra de Ilustração está integrada no programa de comemorações dos 500 anos do Foral da Maia e a ideia da curadoria foi propor uma reflexão acerca da Ilustração e dos territórios.

A UIVO 9 contou ainda com um “Talk de Encerramento” com oradores nacionais e internacionais, realizado a 21 de fevereiro; a 2ª edição da Uivinho - Mostra de Ilustração Infantil da Maia, entre 1 e 29 de fevereiro na Biblioteca Municipal da Maia; e um vasto programa de Serviço Educativo composto por:

- visitas-oficina de 2h para público geral e/ou famílias por ano, aos sábados e domingos;
- workshops de 2h para escolas do Concelho;
- workshops para público sénior;
- concepção e distribuição de Suporte para visitas autónomas.

Nesta 9ª edição, sob o tema das ilustrações e territórios, a proposição curatorial aludiu a uma prática de reflexão acerca do território, aqui considerado como lugar de vivência ilustrado.

A ilustração permite na sua dimensão estética e conceptual, hipóteses de trabalho descriptivas, históricas ou realistas e/ou ficcionadas. Cada trabalho exposto, diferente na sua expressão e linguagem individual estará relacionado com o mesmo ponto de partida – “Como pode a ilustração pensar e representar um território - Como pode um território apropriar-se a ideia de ilustração?”

O Território toma aqui um sentido lato, círculo alargado, que se revela, apresenta e faz representar através de um pensamento-mapeamento: do lugar, da cidade, do espaço público ao espaço íntimo, do corpo, da mente, dos percursos, da tradição e





alimento, das realidades espaciais ficcionadas, do passado presente e futuro, e por vezes do que antecede um devir.

As propostas apresentaram-se em diferentes expressões e materializações, como a ilustração digital, editorial, artística, gráfica, comercial, cartográfica, e refletiram uma ilustração e o território colectivo ou pessoal, entendido como lugar de vivência e de relação, feito de todos para todos, lugar inventivo em todas as dimensões (urbanista arquitetónica, social, económica, política) através de uma noção não estática, de constante desafio, mas também de possibilitado de viagens transformadoras.

Mais uma vez, a Mostra de Ilustração da Maia, revelou, as ténues fronteiras das categorias artísticas, que aqui se tornam unas, pertencentes a um mesmo território - O da Ilustração. Sem equívoco, apresentaram-se trabalhos que dialogam entre ilustração e desenho, ilustração e multimédia, ilustração e arquitetura, ilustração e pintura, ilustração e instalação ...

Artistas que estiveram representados:
Ana Aragão; Ana Luísa Garcia; Ana Seixas (Pato Lógico); Andrés Sandoval (Pato Lógico); Catarina Sobral (Pato Lógico); Clara Não; Cláudia Salgueiro; Daniel Moreira; David Penela; Elleonor; Fahr; Federico Babina; Francisco Laranjo; Joana Estrela; Jorge Garcia Pereira; José Miguel Cardoso; Júlio Dolbeth; Karen Lacroix; Kino; Leonor Violeta; Luís Cepa; Manuel Marsol (Pato Lógico); Mariana Malhão; Martinha Maia; Pedro Cavaco Leitão; Rodrigo Guedes Carvalho e Ana Duarte; Roger Ycaza (Pato Lógico); Rui Vitorino Santos Sama; Sphiza; Susa Monteiro (Pato Lógico); Vasco Mourão.

UIVINHO 2

Também os mais pequenos tiveram o seu espaço. Pela segunda vez levamos a cabo a “UIVINHO 2”, uma mostra de ilustração dedicada ao público mais novo, com um objetivo centrado na proximidade com a comunidade, apostando na formação de públicos e no trabalho de fundo com as faixas etárias mais jovens. O público infantojuvenil terá aqui a oportunidade de participar numa mostra de ilustração com trabalhos criados por eles próprios através das ações de serviço educativo agregadas: workshops e visitas guiadas.

De 1 a 29 de fevereiro de 2019, a Biblioteca Municipal da Maia teve a honra de ser a guardiã de tão significativo espólio infantil, onde foi possível apreciar as obras de arte dos mais novos.



MAIA BLUES FEST 2019



Nos dias 20, 21 e 22 de setembro, a Câmara Municipal da Maia, através do Pelouro da Cultura, com produção da Trovas Soltas, promoveu a primeira edição do Maia Blues Fest - Festival Internacional de Blues, que teve lugar no auditório exterior do Fórum da Maia.

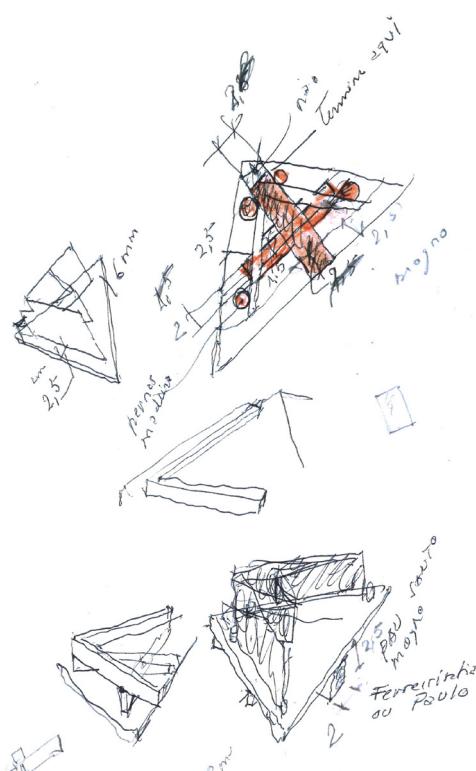
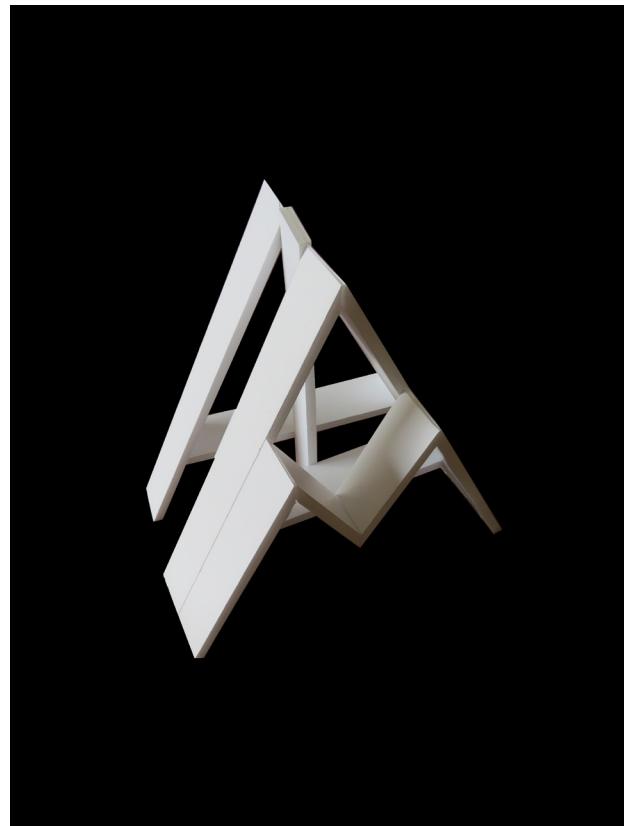
Enquadrado nas comemorações dos “500 Anos do Foral da Maia”, este evento com acesso gratuito, é mais uma realização que corporiza a estratégia de aproximação dos maiatos à cultura nas suas múltiplas expressões, potenciando a elevação social, a criatividade e multiculturaldade.

Esta primeira edição contou com a presença de artistas nacionais e internacionais. Vinda dos EUA, chegou-nos a cantora Shanna Waterstown, da Grã-Bretanha o músico Julian Burdock e, de Espanha, o também músico Danny del Toro. O contingente nacional foi representado por Budda Power Blues & Maria João e Delta Blues Riders.

OBRA COMEMORATIVA - PELO RISCO DE SIZA VIEIRA

Como já referimos, no domingo, dia 15 de dezembro de 2019, foi entregue a várias individualidades e instituições do concelho, um troféu com o traço do Arquitecto Álvaro Siza Vieira, figura maior da Arquitectura Portuguesa e um dos mais reconhecidos no mundo, que dispensa qualquer tipo de apresentações.

Segue a explicação da peça pelo seu autor:



Fui convidado pela Câmara Municipal da Maia para desenhar um objecto honorífico: um troféu.

Depois de várias tentativas afastei uma quase primeira ideia: a figura de Gonçalo Mendes da Maia, com cavalo e tudo.

Mas prestei atenção à palavra Maia. É curta e quase simétrica. Tem a estabilidade gráfica das pernas de dois A.

Haverá forma mais legível para uma cidade homenagear alguém?

Comecei por esquissar as quatro letras sobrepostas.

Estudei as dimensões.

Depois pedi a alguém que usasse o computador.

Ajustei o desenho, agora rigoroso, e pedi um primeiro protótipo em cartão branco.

Examinei a estabilidade, quando pousado no tampo de uma mesa ou na palma da mão.

Observei o gesto de o erguer, encaixando os dedos nos abertos disponíveis (convérm ser fácil segurá-lo, evitando um incómodo a pelo menos duas pessoas respeitáveis).

Quando o protótipo em cartão branco me pareceu satisfatório mostrei-o ao Presidente e ao Vereador da Cultura. Foi aprovado.

Fez-se então um protótipo em latão, sobretudo para experimentar o peso. Reduzi um pouco as espessuras, por mais do que uma razão.

Mas qual o metal a adoptar?

Ainda sugeriu o ouro, mas afastei-o por razões óbvias.

Bronze? Prata?

Aí está: Maia de bronze e Maia de prata-dourada ou não.

Álvaro Siza

CONVERSAS EM TORNO DO DO FORAL DA MAIA

No dia 25 de agosto teve lugar, com o tema “Breve nota sobre o Foral da Maia e a Maia medieval”, uma pequena intervenção sob a égide de uma actividade da Real Confraria Gastronómica das Cebolas, inserida na Feira das Cebolas, junto ao Monte de Santo Ovídio, no Câstelo da Maia.

No início do mês de dezembro, em plena campanha eleitoral para a Associação de Estudantes da ESAS, que dá sempre um colorido e uma animação extra á envolvente lectiva da Escola, realizamos mais uma palestra para duas turmas do ensino secundário.

Assim, no âmbito dos 500 anos do foral da Maia, e após a visita à exposição patente na Biblioteca, os alunos do 10º G e do 10º H, acompanhados pelas docentes Isabel Gomes e Ana Sousa, tiveram a oportunidade de assistir, no Anfiteatro, a uma apresentação feita pelo Dr. Maia Marques sobre a história dos forais, muito particularmente do foral da Maia. A palestra sobre estes documentos fundamentais na definição da identidade de um território abordou ainda a história da Maia e das suas gentes.

Uns meses mais tarde, a convite da Paróquia e do Sr. Padre Orlando, mais uma vez estivemos à conversa com as gentes de Gueifães, por altura do S. Faustino. Uma vez mais, a conversa fez-se em torno do Foral Manuelino que completou, em 2019, 500 anos da sua outorga.

Numa sala da cripta da Igreja Nova com uma assistência numerosa e interessada, mau grado a noite pouco convidativa, começamos por mostrar ao público o que tem a Câmara Municipal feito para comemorar estes cinco séculos.

Depois, entrando propriamente no assunto, fomos explicando o que é um foral e em que circunstâncias eles surgem, depois mostramos que, com a evolução dos tempos muitos se mostraram desfasados da realidade, e como esse desfasamento de remediou e finalmente abordamos a informação contida no Foral da Maia.



Mas mais importante do que nós falarmos de nós é deixar que outros o façam. Para isso, e com a devida vénia, transcrevemos o comentário de Aníbal Styliano na sua página de Facebook:

Ontem, a partir das 21h30, decorreu uma “conversa” sobre o Foral da Maia, patrocinada pela Paróquia de Gueifães. O Dr. José Augusto Maia Marques, com a simplicidade dos que sabem mesmo muito, apresentou a um grupo de maiatos, o foral, o percurso no tempo e as suas especificidades, de forma exemplar e cativante. Numa sala da cripta da Igreja de Gueifães, tivemos um momento fantástico de aprendizagem, uma perspetiva da Terra da Maia, ao longo dos tempos, a função dos Forais e o processo de regulamentação que se foi aperfeiçoando, com as suas virtudes e imperfeições. A Maia, através desse documento, fica melhor conhecida, ao longo dos tempos. O que se conhece ganha sentidos novos e profundos. O Professor e investigador Maia Marques (até no nome a identificação com a sua Terra) utilizou um método que garante alicerces seguros: primeiro saiu um livro ilustrado para crianças a explicar com clareza o que é e para que serviam os forais. Depois, foi a edição do livro onde consta o foral e outras informações, bem como a sua versão em português atual.

Ficamos ainda a saber que o logotipo para o evento do 500.º aniversário do Foral da Maia foi criado pelo arquitecto Siza Vieira.

Para além das deslocações às escolas que o autor faz, ontem foi a vez de uma conversa com adultos, de tal forma motivadora, que ficou já marcada uma visita ao Museu Etnográfico, para observar a exposição sobre o tema e com as explicações do autor do livro.

Parabéns, excelente pela forma simples, que só a sabedoria permite, como apresentou o Foral, envolvendo a contextualização de vários momentos da História da Maia e desafios para o futuro.

O saudoso Professor e ex-Presidente da CMM, certamente sorriu e sentiu a felicidade de saber que há quem continue a sua obra ímpar, com dedicação e competência.

Ao Professor Maia Marques, o agradecimento pela obra vasta que produziu e pela clareza com que nos captou a atenção.

Descobrimos muitos aspetos de que nem fazíamos a menor ideia. Na próxima, lá estaremos novamente!

Aníbal Styliano

Agradecendo as elogiosas referências, não podemos deixar de dizer que estas palavras nos levam, a nós e à Autarquia, a procurar estar mais perto das populações e a contribuir ainda mais para que se crie uma verdadeira identidade maiata que cruze a modernidade e o futuro com a História e o passado.

CONCERTO SAMUEL SANTOS

Em pleno ano de comemorações dos 500 anos do Foral da Maia, este Concelho não esqueceu o seu compromisso cultural para com a sociedade. Sobretudo nos dias especiais que vivemos, demonstra que a arte e a cultura continuam presentes, essenciais ao equilíbrio social e estruturantes do ponto de vista humano. É neste âmbito que o Grande Auditório do Fórum da Maia acolheu um concerto singular. Sob a regência do Maestro Samuel Santos os corais Vox Cantabile, núcleos da Maia e de Vila do Conde, e o Coral Infantojuvenil Mini Vox Cantabile atuaram a partir das suas casas acompanhados pelo Grupo Orquestral Maia Ensemble realizando um concerto sui generis com a interpretação do coral “Va Pensiero” da ópera Nabuco de Verdi onde os músicos e cantores, em direto, foram dirigidos a partir do palco do Fórum pelo seu maestro.

Apesar da distância que nos separa, uma vez mais, a música, prova que em suas misteriosas harmonias podemos encontrar conforto e um espaço sem solidão.

A escolha da obra é em si, um hino à esperança e à resiliência. Em homenagem à Itália, um dos países mais fustigados com esta pandemia, na sua língua original, esta obra estruturante da criação de Verdi é a ponte cultural entre seres humanos e os valores intemporais de fraternidade criando ligações entre a história e o presente. A escola de Música Maestro Samuel Santos em parceria com o Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Maia, homenagearam assim a Vida e a Esperança.



MAIA BLUES FEST 2020



A 18, 19 e 20 de setembro, a Câmara Municipal da Maia, através do Pelouro da Cultura, com produção da Trovas Soltas, uma parceria que se revelou profícua, promoveu a segunda edição do Maia Blues Fest – Festival Internacional de Blues realizado no auditório exterior do Fórum Maia.

Logo no primeiro dia do festival, podemos assistir a concertos de dois dos mais relevantes projetos na área do Blues na península ibérica: os portugueses Peter Storm & The Blues Society e os espanhóis Veronica Sbergia Blues Quartet. No dia 19, tivemos primeiro pelas 18:00 a The Dynamite Blues Band e às 21:30 Velma Powell and Bluedays.

José Reis, Jorge Oliveira, Bino Ribeiro e João Belchior: quatro músicos de Blues experientes que participaram e tocaram em bandas como Johnny Blues Band, Minnemann Blues Band, Judy Blues Eyes Band, The Smokestackers, só para citar alguns. A sua qualidade como músicos e presença de palco são reconhecidas pelos seus pares e por isso são frequentemente convidados para colaboração com bandas internacionais que se deslocam a Portugal para concertos isolados ou festivais de blues como são os casos de Shanna Waterstown e Trevor Sewell, entre tantos outros.

Dario Polerani, Max de Bernardi, Chino Swingslide e Veronica Sbergia revelam uma missão como quarteto: proporcionar o espetáculo perfeito entre *swing, hokum, blues, gospel e ragtime*, que não desapontou ninguém e muito menos ficou entediado. Virtuosismo, criatividade, energia, temperado com uma poderosa dose de humor garantiram um maravilhoso momento musical e uma grande noite no Auditório Exterior do Fórum da Maia.

Para o dia de encerramento, estava (a)guardada a actuação dos The Dixie Boys que ocorreu pelas 16:30 e que revelou uma energia e atmosfera ideal para encerrar em beleza esta iniciativa.

curiosidades

UMA FORMA DE IDENTIFICAÇÃO PELOS OBJECTOS

No seguimento das comemorações dos 500 do Foral, a Câmara Municipal da Maia entendeu por bem marcar essa data tão especial criando uma imagem gráfica apropriada à dignidade do acontecimento.

Assim, inspirado pelo rasgo do desenho de Siza Vieira, o *designer* Miguel Brugo elaborou conteúdos que pudessem decorar uma série de artigos que “nasceram” para as comemorações. Aqui fica a história de dois deles e o registo fotográfico de todos os objectos criados para o efeito.

BISCOITOS DA MAIA - "BISCOITOS COM HISTÓRIA"

A Terra da Maia nos meados do século XII corresponde, de acordo com as Inquirições Gerais efetuadas por ordem do Rei Bolonhês, ao Julgado da Maia. Antiquíssima, portanto, estendia-se desde a cidade do Porto, outrora limitada a breve espaço, até à margem esquerda do Rio Ave.

Área de grande significado político, social e militar, a Terra da Maia foi berço dos Mendes da Maia, poderosos caudilhos regionais “portugalenses”, que juntamente com o primeiro Rei devem justamente ser considerados como co-fundadores duma nacionalidade politicamente autónoma no Ocidente da Ibéria: Portugal.

Os Biscoitos da Maia, de mais que provável origem conventual, evocam, nas suas formas mais utilizadas – a espada e o escudo – a figura de Gonçalo Mendes da Maia, o Lidor, patrono da Terra da Maia, guerreiro de lendários feitos, braço direito do rei D. Afonso Henriques na Reconquista.

Esta iguaria, de grande valor simbólico, constitui um doce encontro entre a história e a lenda. Deguste-os e participe neste momento mágico de evocação de um dos maiores maiatos – Gonçalo Mendes da Maia.

RECEITA BISCOITOS DA MAIA

Ingredientes massa 1 Clara de Ovo; 60 g de Açúcar mascavado; 100 g de Margarina; 220 g de Farinha com Fermento

Ingredientes cobertura 100 gr de açúcar granulado; 100 ml de água; 200 g Açúcar em Pó.

Preparação massa Bate-se uma clara de ovo com 60g de açúcar até ligar. Juntam-se 100g de margarina derretida, 220g de farinha com fermento, amassa-se e logo que a massa descole das mãos, tendem-se os biscoitos. Vão a cozer no forno a 180º, em tabuleiros untados com margarina e polvilhados com farinha.

Preparação cobertura Colocar o açúcar granulado com a água ao lume e deixar ferver 2 minutos. Acrescentar o açúcar em pó e mexer bem até se dissolver. Passar os biscoitos pelo açúcar e deixar secar.



ESPUMANTE BRUTO



“Um brinde que honra um passado ilustre, revela um presente confiante e abre bom caminho para todos os desafios do futuro”

O vinho espumante, obtido pelo método clássico da Quinta do Felisberto criado a partir de vinho produzido na região demarcada do vinho verde, foi produzido e engarrafado por José António Pintalhão.

Apresentado em garrafa personalizada de 750 ml, com 12% vol., este vinho verde é parte integrante da herança cultural da ancestral Terra da Maia, território de povoamentos remotos, em que, entre outras, a civilização romana e a civilização monacal foram preponderantes, estando intensamente ligadas à actividade agrícola em geral e à produção vinícola em particular.

Este espumante de vinho verde, fruto das castas Loureiro, Trajadura e Alvarinho, é a bebida apropriada para um brinde de celebração dos 500 anos sobre a outorga do Foral da Maia em 1519 pelo Rei D. Manuel I. Um foral que foi concebido para regular as relações sociais e económicas de um concelho, já bem antigo, nessa altura, cuja dinâmica levou o poder régio a redigir o citado documento.





Conscientes da importância do Foral da Maia, procuramos criar uma série de produtos apelativos com o melhor custo-benefício, procurando uma imagem agradável e convidativa do ponto de vista do receptor.

Ficam aqui registados todos os produtos que elaboramos com a temática do Foral:

- Garrafa Espumante
- Caixa para o Espumante
- Caneta,
- Pasta para conferências
- Saco pano
- Fita
- Pin,
- Caixa Biscoitos
- Pagela Livro
- *Flyer Exposição*



PRESENÇA NO CONCELHO

Ao mesmo tempo, um pouco por todo o concelho, foi possível visualizar outdoors, painéis urbanos verticais (*MUPI*) e *placards* a publicitarem os eventos que foram ocorrendo.

LOJA O MORANGUINHO TEM NOVA CASA | BEATRIZ GOSTA ATUA NO FÓRUM DA MAIA | DSF - FORMAÇÃO E ASSESSORIA FISCAL

notícias maia

NÚMERO 8 DEZEMBRO 2019

500 ANOS CELEBRAÇÃO DO FORAL DA MAIA

Saiba tudo nesta edição

Maia evoca os 500 anos do seu foral

O ato ocorre a 15 de dezembro de 1519 e foi presidido pelo rei D. Manuel

Sessão Solene das comemorações ocorre no dia 15 de dezembro na Câmara Municipal

ISSN 184-5298 00008 9 772184 5290 4

Periodicidade: Mensal Preço: € 1,70



Oficinas gratuitas no Museu sobre 500 anos do Foral da Maia

No Museu Municipal de História e Etnologia da Terra da Maia, realizam-se oficinas para todos os idades e existem mais os mais pequenos sobre o Foral da Maia. No dia 14 de dezembro, das 10h30 às 12h30, no espaço "500 Anos do Foral da Maia" no Serviço Educativo do Pelourinho da Cultura, em parceria com Escola Superior de Educação do Minho e Museu Municipal da Maia, três oficinas de arte plásticas. "O Foral da maia/tra/Ria" e "O rei D. Manuel e o seu edifício", destinadas sobretudo ao público infantil, de menos a 12 anos.

Para mais informações sobre as oficinas, pode contactar-nos no número 259871144 e para inscrições, sempre ao menor valor de cada oficina, entre as 10h30 e as 16h30.

O Serviço Educativo pretende, através de todos, que o público se identifique com a História da Maia, com a sua formação e evolução ao longo dos séculos, que torna conhecimento da importância dos forais como documentos estruturais do território e da regulação da vida social e económica desta comunidade.

A história dos forais é a história do território das suas gentes – é esta ideia que constitui a base desta oficina, com entrada gratuita, mas sujeita a marcação prévia junto do Museu Municipal pelo 259871144 ou email maiso@cm-maia.pt.

FORAL | Orquestra do Norte, dia 14 de dezembro, pelas 21h30 no Grande Auditório do Fórum da Maia

Concerto de Gala Comemorativo dos 500 Anos do Foral da Maia

Realiza-se no próximo dia 14, no grande auditório do Fórum da Maia, o concerto de gala comemorativo dos 500 Anos do Foral da Maia. Sob a direção do Maestro Fernando de Oliveira, a Orquestra do Norte interpretará, além da 1ª Sinfonia de L. V. Beethoven, a Abertura 1519, Maia Rural, Maia Urbanitas 2019 e Ossuários Sonhar, obras do compositor maia Víctor Sampayo Dias que serão estreadas neste concerto.

No elenco do concerto tomam ainda parte, Ana Barros, soprano, Jaime Correia, gaita de foles e o Coro Municipal dos Pequenos Cantores da Maia.

Este evento gratuito é organizado pela Câmara Municipal da Maia, através do Pelourinho da Cultura e Integração Social. A programação cultural é artística que assinala a outorga do Foral da Maia, a 15 de Dezembro de 1519, pelo Rei D. Manuel I.

NA IMPRENSA

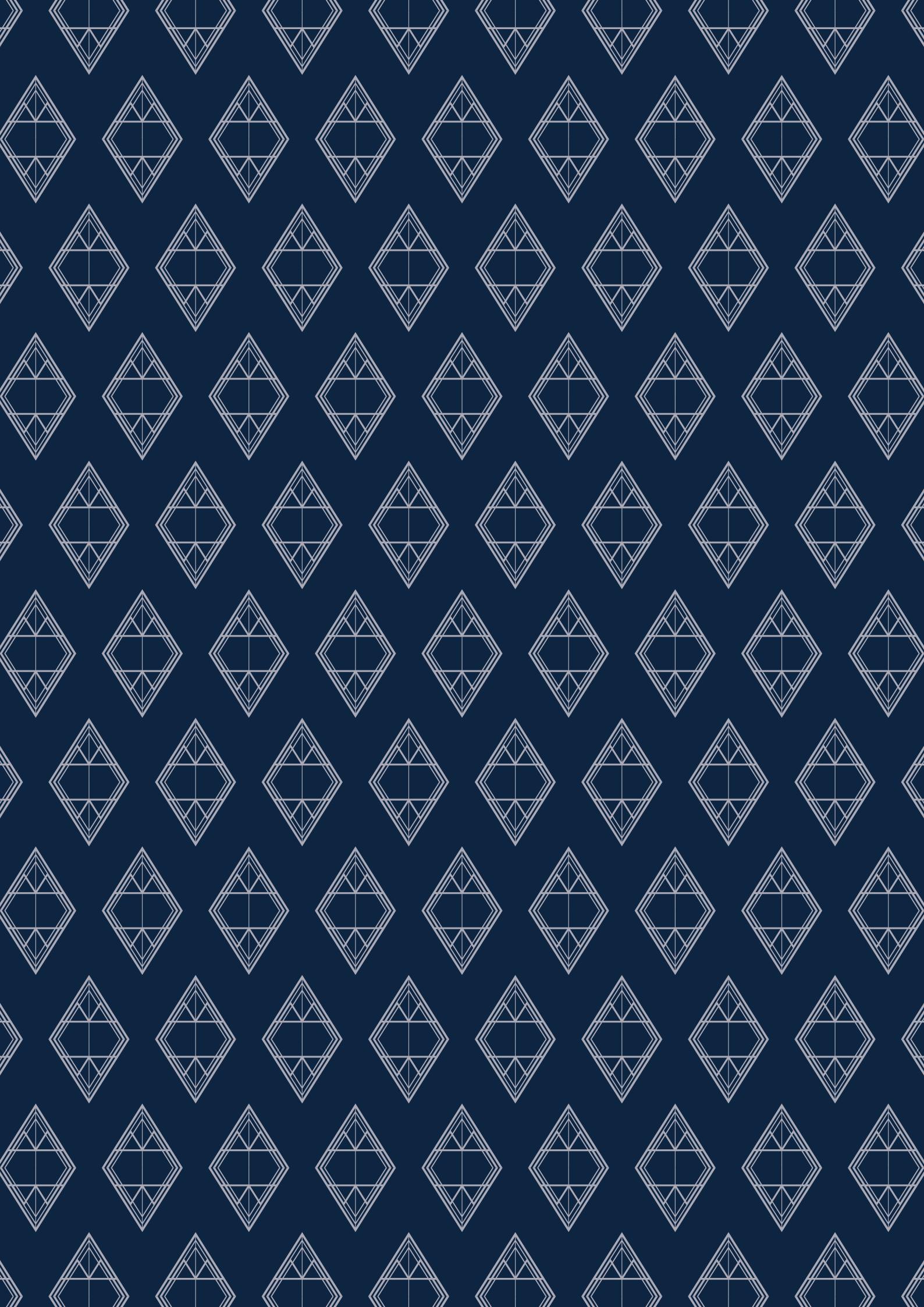
É através da comunicação que partilhamos o que somos.

Num mundo cada vez mais exigente e complexo, tentamos comunicar de forma efectiva e diversificada, utilizando para isso alguns jornais de âmbito nacional e local, assim como revistas, com especial enfoque no período do fim de semana de 14 e 15 de dezembro de 2019.

E o Foral da Maia também foi alvo de estudo na Revista de História do Jornal de Notícias, nº 20 de junho de 2019; no Notícias da Maia nº 8 e na Revista Maia Hoje, especial de Natal 2019. Mais uma forma de divulgação e de dar a devida importância ao momento.

O que podemos considerar como um pequeno contributo para a afirmação e projecção da Maia. O nosso território revela-se um concelho com passado, de memória, orgulhoso da sua história. E uma Terra confiante, atrativa e afirmativa em relação ao futuro.

Também nos órgãos de comunicação televisivos, as comemorações da Maia não passaram despercebidas, em programas como o realizado pela TVI na Quinta dos Cónegos por altura das Festas do Concelho em julho de 2019, assim como reportagens da RTP1 e do Porto Canal no Museu Municipal.



Ficha Técnica

**REVISTA DA MAIA – NOVA SÉRIE
ANO V, 2019
NÚMERO ESPECIAL**

EDIÇÃO

Câmara Municipal da Maia
Pelouro da Cultura

DIRETOR

Mário Nuno Neves

EDITOR

José Maia Marques

EDITOR ADJUNTO

Rui Teles de Menezes

REVISÃO DE TEXTOS

Vítor Silva

DESIGN

João Roque Pinto

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Câmara Municipal da Maia
Aloísio Nogueira
António Cruz
Diogo Conceição
Inês d'Orey
Tânia Ramos
Tiago Casanova

PROPRIEDADE

Câmara Municipal da Maia
©Todos os direitos reservados
ISSN: 2183-8437

CONTACTOS

cultura@cm-maia.pt
cm-maia.pt

